

GAZETA
DAS
COLONIAS

NUMERO COMEMORATIVO
DO 4.º CENTENARIO DA MORTE DE
VASCO DA GAMA
LISBOA, 29 DE JANEIRO DE 1925

PREÇO DESTE NUMERO
(AVULSO) ESC. 4\$00

A «GAZETA DAS COLONIAS» É O MELHOR
REPOSITÓRIO DE CONHECIMENTOS SOBRE
O ULTRAMAR PORTUGUES.

A SUA LEITURA INTERESSA A TODOS OS
PORTUGUESES QUE, A SÉRIO, PENSAM NO
PROGRESSO DAS COLÓNIAS, QUE O MESMO
É QUE PENSAR NO FUTURO DE PORTUGAL

ASSINATURAS — SEMESTRE (SÉRIE
DE 13 NUMEROS) ESCUDOS: 20\$00

P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:
LOCOMOTIVAS, ZORRAS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Hoppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*
 | *Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.^a*

Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e côres Muralo «Murite», preservativos de madeiras em variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc., das melhores marcas.

Secção de Madeiras

Posuimos em armazem, para entrega imediata, madeiras da Provincia das melhores qualidades, em pranchões, barrotos e taboas, assim como travessas para camiuhos de ferro, paus para minas, etc.

Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira, Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo- metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobílias, Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400
 | Estancia 493

LOURENÇO MARQUES



SOUSA MACHADO & C.^A

Sede em **LOANDA**

Angola — Cabo Verde — Guiné — Lisboa

Importação e Exportação — Productos Coloniais
 Cereais de Angola — Comissões e Consignações

Representantes privativos na Africa Occidental Portuguesa da: **FORD MOTOR COMPANY E. U. A.**

Filiais no: **LOBITO HUAMBO**

Representação e Importação exclusivé de carros de turismo, camionetes, tractores **FORDSON**, accessorios e sobressalentes

Filial em Lisboa — **RUA GARRETT, 62, 2.^o**

END. TELEG } Para Angola — **SOMA**
 } Para Lisboa — **SLGUE**

Ramiro Leão & C.^a

83, R. Garret, 93

Telef. 961—Teleg. RJC

A mais antiga casa
exportadora de roupas
brancas para homem
e senhora que existe
na península.

Especialistas em roupas
para cama e meza.

Artigos de malha, camisaria,
fatos para meninos, vestidos
de senhora e menina, enxovães
para noivos, retrozeiro e tecidos
de seda e lã.

A nossa casa está nas
melhores condições para
executar todos os pedidos
que nos sejam feitos do
ultramar.

NEVES, HANSEN & C.^A, L.^{DA}

RUA DO OURO, 200, 2.º, D.º

TELEFONE 1379 C.

Representantes exclusivos para o Sul do Paiz
e Colónias dos afamados

VINHOS DO PORTO

“Conde de Alpendurada,,

E

Produ'ões de beleza e perfumaria

MARIA LUIZA

Rouparia Central

DE

J. Nunes Godinho
& Cabral, L.^{da}

R. do Ouro, 286 a 290
LISBOA—Tel. 2658, N.

*Esta casa é uma das mais bem situa-
das da capital e que máiores van-
tagens pôde oferecer á sua dignis-
sima clientela e ao publico em
geral, devido ás suas grandes com-
pras que faz tanto no paiz como
no estrangeiro, sendo estas feitas a
pronto pagamento para se conse-
guir grandes descontos dos seus
fornecedores, para estes irem re-
ver a favor dos seus estimaveis
freguezes*

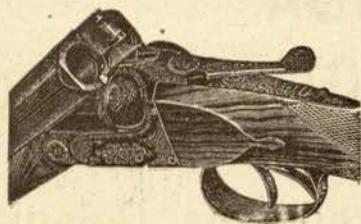
Esta casa tem como especialidade,
a boa execução de enxovaes para
noivas, batizados e colegios, do
qual dispõe sempre de panos de
primeira qualidade, assim como
de rendas, bordados, atalhadas,
cobertores, etc.

Tem tambem uma secção especial em
camisaria, aonde o freguez en-
contra sempre um sortido com-
pleto em camisas, camisolas, co-
larinhos, gravatas, su pensorios,
ligas, piugas, lenços e mais outros
artigos proprios para homem

Completo sortido em rouparia
propria para paizes quentes

Espingardaria Central

G. Heitor Ferreira
Sucessor A. Montez



Armas e Munições - Acessorios para caçadores
DOS MELHORES FABRICANTES

Praça D. João da Camara, 3

(antigo Largo de Camões — Ao Rossio)

LISBOA

Marques, Seixas & C.^A L.^{DA}

Lisboa e Africa

LISBOA--T. dos Remolares, 10, 3.º Esq.

Telegramas «FERRAMENTA» — Telefone 2914 C.

NOVO REDONDO--Caixa do correio N.º 3

Telegramas «SEIXAS» — Telefone 1

Sortido completo de armarinho, mercadorias para per-
muta, tintas, ferragens, etc.

IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO
MARINHAS DE SAL

Creação de gado bovino, e navegação á vela para
todos os portos da provincia

Grandes plantações de algodão e fabrica de desgrana-
mento pelo sistema mais aperfeiçoado em
Novo Redondo

Grandes depósitos de café do Amboim, óleo de palma e
coconote das suas roças do Amboim e Seles-Boa
Lembrança, Santa Clara, Aliança, Monte-
belo, Rio Luete e Monte Alto

Companhia da Africa Ocidental Portuguesa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realisado: Esc. 6.000.000\$00

Séde em Lisboa:

Rua Augusta, 176, 3.º-Esq.

TELEFONE C. 2021

End. teleg. COAPA

Administração geral em Loanda:

Rua Salvador Correia

Caixa postal 341

End. teleg. CAOPA

Exploração agricola, industrial e comercial

Fabrico de telha, tijolo, cal, exploração de pedreiras — Exportação de sal, café, algodão, oleo de palma, coconote, etc.

Propriedades em LOANDA, CACUANO, VALE DO BENGO e GOLUNGO ALTO

Agentes maritimos da **Compagnie Venture-Weir C. N. A.** com vapores mensais dos portos da Europa Central para os de Africa Ocidental Portuguesa

SÁ LEITÃO & C.^A, L.^D DA R. DA MADALENA, 45, 1.º
LISBOA
— Teleg.: "MONDEGO" — Lisboa —

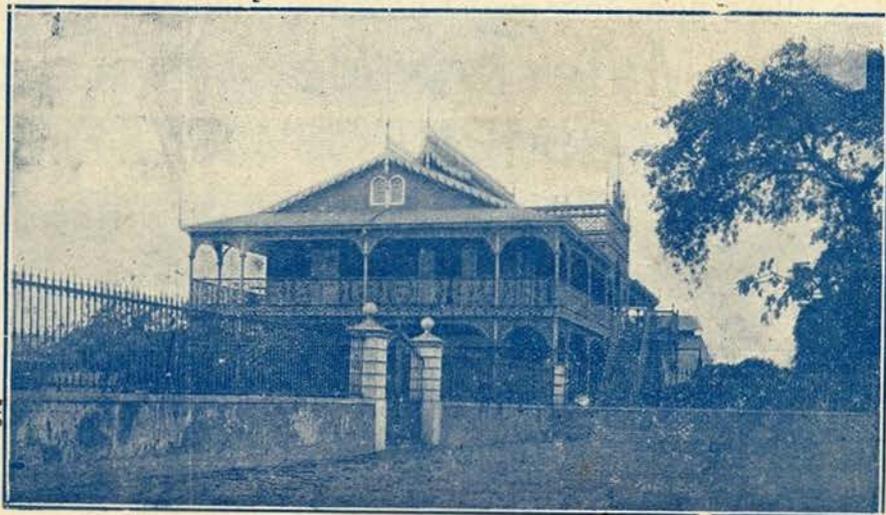
Importação e Exportação

directa das suas casas em ÁFRICA de todos os productos de ANGOLA (Africa Ocidental Portuguesa)

Café, Cacau,
Coconote, Oleo de
palma, Urzela,
Borracha, Cera de
abelha, Goma
copal, Marfim etc.

Em deposito para
fornecimentos:

Fazendas, Quinquilharias,
Géneros alimenticios, Fer-
ramentas, Vinhos, Oleos e
variadissimos artigos da in-
dustria nacional e estran-
geira.



DEPENDENCIAS DE LOANDA

Companhia de Diamantes de Angola

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital: 9.000.000\$00 ouro (£ 2.000.000)

Séde social: Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º—LISBOA

Presidente do Conselho de Adminis'tração—BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Administrador-Delegado—ERNESTO DE VILHENA

Bureau técnica em Bruxélas, 66, RUE DES COLONIES

Representante e direcção tecnica em Africa

Representante—Tenente-coronel Brandão de Melo

Caixa Postal 347-Telegramas: DIAMANG-LOANDA

Director técnico—*Mr. Glen H. Newopt*

DUNDO-LUNDA

Máquinas e Aparelhos

para todas as industrias

MOTORES

a óleos pesados, a gás pobre, gazolina, etc. de 4 HP a 500 HP

Materiais de construção

CIMENTO "ALZEM"

Ferros, tubos arames

CARVÃO

Portuguese Corporation of Commerce

84, Cais de Sodré, LISBOA--39, R. Nova da Alfandega, PORTO

em Vila Real de Santo Antonio, Covilhã, Setubal e Figueira da Foz

MUTUALIDADE PORTUGUESA

COMPANHIA DE SEGUROS

20, 2.º — Rua do Mundo — LISBOA

Teleg. "MUTUALIDADE" — LISBOA

CAPITAL (inteiramente realizado)

Esc. 2.500.000\$00

RESERVAS em 1 de Março de 1924

Esc. 1.100.000\$00

Efectua seguros, em qualquer moéda, sobre:

Desastres no trabalho --- Transportes terrestres e marítimos
Incendio --- Roubo --- Quebra de cristais --- Automóveis, etc.

ADMINISTRAÇÃO

Presidente do Conselho de Administração — Tomé José de Barros Queiroz, antigo Presidente de Governo e Ministro das Finanças.

Administrador Delegado — João José Diniz, do Conselho Superior de Finanças e do Conselho Superior de Seguros.

José Maria Alvarez, Presidente da Associação Industrial Portuguesa.

Mário de Carvalho, Comerciante.

Victor Marat d'Avila Perez, Industrial.

RICARDO PIRES & C.^A

LISBOA

RUA DA GLÓRIA, 7, 1.º D.º

End.º tel.º — Amendoense

AFRICA

Loanda—Caixa postal 338

End.º tel.º — Tabacos—Silvares

INDUSTRIAL FRIGORIFICA *Fabrica de Gelo e Refrigerantes — (Fornecimento de gelo, a vapores e de peixe congelado, na linha férrea Loanda-Malange)*

EMPRESA DOS TABACOS DE ANGOLA *Fabrico mecanico aperfeiçoado de picados, cigarros e charutos*

IMPORTADORES

SERRALHERIA MECANICA

EXPORTADORES

Societarios
de:

Elias & Pires, Ltd., em Lucala—com filiais de permuta nas regiões de café,
Sociedade Agricola e Industrial de Camoma, Ltd.—(Agricultura).
Empresa Pecuaria do Rio Tapada, Ltd., no Lobito e Egito—(criação de gado e cultura d'algodão e palmares).
Machado & Ricardo nos Selles — (Cultura de Palmares).

A Companhia da Zambézia

ENTRE as empresas arrendatárias dos chamados prazos, figura a **Companhia da Zambézia** que, pelo seu pronunciado desenvolvimento, representa hoje um considerável valor na economia da Província de Moçambique.

Longe de viver dos rendimentos do imposto indígena (*ussô*), como por vezes se tem insinuado acerca dos arrendatários dos prazos, esta Companhia tem, dia a dia, intensificado os seus trabalhos de valorização e de exploração dos territórios que disfruta.

Dedicar-se a Companhia da Zambézia principalmente á agricultura, á pecuária, e á produção de sal.

No ramo agrícola pratica a Companhia as culturas da palmeira, do sizal, do milho, do arrô, etc., a que dedica os mais aturados esforços.

Nos prazos de Andone e Anguaze, possui a Companhia um grande palmar, com 385.254 pés, dos quais 228.066 em plena produção. A colheita deste palmar atingiu em 1923 a elevada cifra de 1.696.530 quilogramas de *copra*.

No praso de Massingire, em Vila Bocage, possui uma plantação de coconote, que se estende sobre 16 hectares, com 2.674 palmeiras.

A cultura do sizal assinala á Companhia de Zambézia um lugar de destaque entre as empresas congêneres.

Em Massingire tem ela uma plantação de sizal com uma superficie de 2.332 hectares e com 5.108.068 pés. E' a maior plantação de sizal que ha no mundo.

A pouca distancia, existem duas fabricas, dotadas com tudo quanto ha de mais moderno e económico, destinadas á preparação da fibra.

A primeira accionada por uma locomotiva-fixa de 60 cavalos, faz a preparação da fibra, por meio duma desfibradora automática *Corona*, quatro máquinas de escovar e uma prensa hidraulica, tendo como anexos: uma serração, um moinho e uma pequena oficina de reparações.

Como esta fabrica fosse insufficiente para a desfibracção duma tão avultada produção de sizal, a Companhia, reconhecendo o facto, montou mais uma fabrica, tipo Roby, com duas desfibradoras automáticas, oito máquinas de escovar, uma prensa hidraulica, um moinho e uma pequena oficina, tudo movido por duas locomotivas semi-fixas de trinta cavalos.

Para serviço da plantação e da apanha do sizal são atravessados os terrenos do praso de Massingire por uma linha *Decauville*, com 21.141 metros, sobre a qual se movimentam tres locomotivas de quarenta toneladas cada uma, puxando cento e quarenta e sete vagonetas, doze vagons, duas carruagens, dois *fourgons* e vinte *charriots*.

A produção das fabricas do sizal foi, em 1923, de 1.108.100 quilogramas de boa fibra de diferentes qualidades.

Se se atender a que o peso da fibra produzida é, em media, 2, 6%, do peso das folhas desfibradas, avalia-se facilmente o desenvolvimento que é preciso que as plantações adquiram, para dar um tal rendimento.

No grupo de prazos de Matema, em frente do Tete, tem a Companhia uma nova plantação de sizal, que, actualmente, se estende já a 940 hectares, com 1.637.050 plantas e sete viveiros com 1.350.000 bolbilhos, para futuro alargamento da referida cultura.

Tem já montada para começo da exploração desta

plantação, uma máquina desfibradora Prieto Irene n.º 2, quatro pares de raspadores e uma prensa hidraulica.

Dois locomotivas, com a força de 30 cavalos, accionam todas essas oficinas.

A produção desta plantação, que está apenas em inicio, foi, em 1923, de 162 toneladas e meia.

Além das culturas indicadas tem ainda a Companhia da Zambézia as seguintes: na Serra da Monumballo, um hectare plantado de arvores de fruto diversas e dois hectares de chá; em Chileno uma plantação de algodão, com 250 hectares; no Chindio uma plantação de tabaco, com 100 hectares de superficie, havendo a ajuntar as culturas intercalares que, num criterioso intuito de economia faz e cujas sementeiras anualmente, sobem a 500 toneladas de arrô, milho, *magagada* e *nhemba*.

Para o descarocamento do algodão tem a Companhia a sua fábrica, com um moinho e diversas oficinas.

A industria pecuária tem merecido assinalados cuidados á Companhia da Zambézia que no praso de Maganga de Além Chire, conta uma grande criação de gado, 2784 cabeças, do apreciado sangue Herford, e nos grupos de prazos do Bengá e Matema tem espalhadas, por diferentes currais, 6.393 cabeças de gado, quasi todo meio cruzado do mesmo sangue.

A ajuntar a estes numeros ha ainda 1.283 cabeças de criação e de trabalho, que a Companhia possui nos prazos de Andone e Anguaze.

Nestes mesmos prazos tem a Companhia as suas salinas, extensas e bem cuidadas, cuja produção em 1924 foi de 3.600.000 quilogramas de ótimo sal.

Para facilitar os seus fins industriais e comerciais, construiu um caminho de ferro, que vai de Quelimane a Maquival, com 27 quilómetros de comprimento.

Além de oficinas completamente montadas para a reparação do seu material e das lanchas e dos vapores do seu serviço de porto, construiu uma fabrica de descasque de arrô, apetrechada com todos os maquinismos modernos e um moinho a vapor para fabricar farinha.

A Companhia de Zambézia é tambem concessionaria de todas as minas no distrito de Tete.

Os importantes jazigos de carvão de Matinte, subconcedidos á *Minière Zambezienne*, estão em começo de exploração.

Estes jazigos carboníferos são considerados como os mais importantes do mundo, tendo-se pelas pesquisas já feitas reconhecido que ha 105 milhões de toneladas para extrair.

Dentro em breve, deve principiar a exportação para a costa o seu carvão, tendo já construido para esse fim um caminho de ferro, com 15 quilometros, que vai da mina até á margem do Zambeze.

Por esta simples descrição dos empreendimentos da Companhia de Zambézia e dos processos que usa nas suas explorações se reconhece que ela, longe de se conservar inactiva e colhendo apenas os rendimentos (?) que a tributação do indígena lhe pudesse fornecer, trabalha dia a dia, com uma notavel persistencia e são critério para a valorização dos territórios que está disfrutando.

Director
Oliveira Tavares

Editor
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa
de Publicidade Colonial, L.ª

GAZETA

DAS

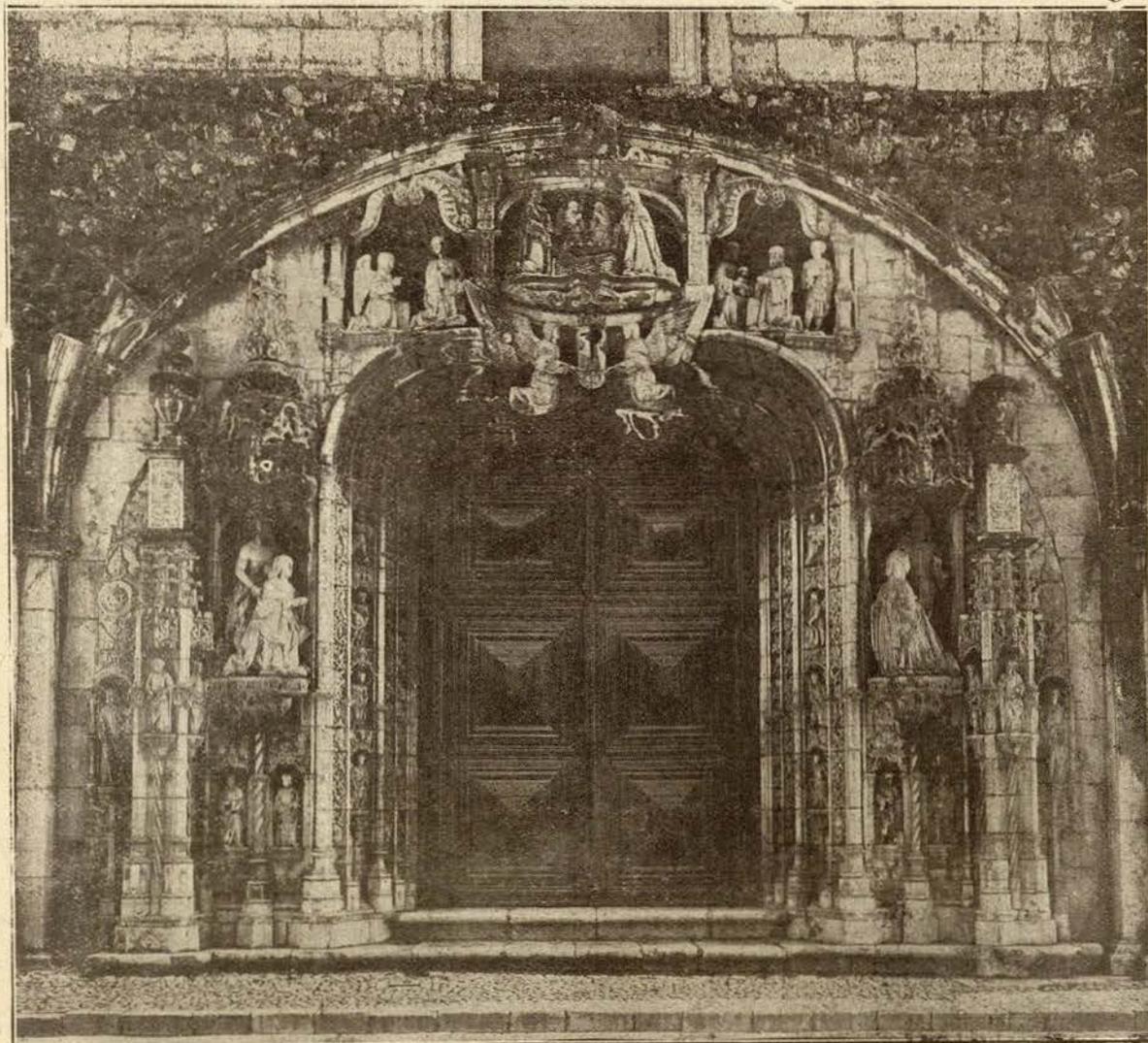
COLONIAS

Composto e Impresso
Rua do Seculo, 150

Publica-se na 2.ª e na ul-
tima 5.ª feira de cada mês

Redação e Administração
R. Diário de Noticias, 44, 1.º

QUINZENÁRIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS



PORTA MONUMENTAL DOS JERONIMOS

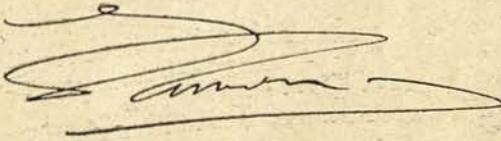
A França associa-se á homenagem prestada á memoria de Vasco da Gama por intermédio do seu illustre Ministro da Marinha, Mr. Jacques Louis Dumesnil

EN s'associant à l'hommage rendu à la mémoire de **Vasco da Gama**, comte de Vidigueira, les Marins saluent avec admiration la mémoire du grand navigateur qui réalisa en 1497 la reconnaissance définitive de la route des Indes par le Cap de Bonne Espérance.

La Marine Française qui compte parmi ses Officiers de grands colonisateurs ne saurait oublier l'expédition de 1501 qui valut au Portugal d'avantageux traités, conclus par **Vasco da Gama** avec les Souverains de Malabar.

En le nommant Vice-Roi des Indes en 1524, le Roi Jean III assignait à son serviteur une mission à sa taille. Hélas! **Vasco da Gama** mourait la même année à **Cochin**, en plein travail. **Vasco da Gama! Sacadura Cabral!** Destinées parallèles! Chacun d'eux en son temps ouvrit une voie nouvelle et tous deux dans l'accomplissement de leur mission civilisatrice, donnèrent héroïquement leur vie pour l'accroissement du patrimoine de gloire de leur patrie.

Au nom de la Marine de la République Française, je salue leurs grandes mémoires.



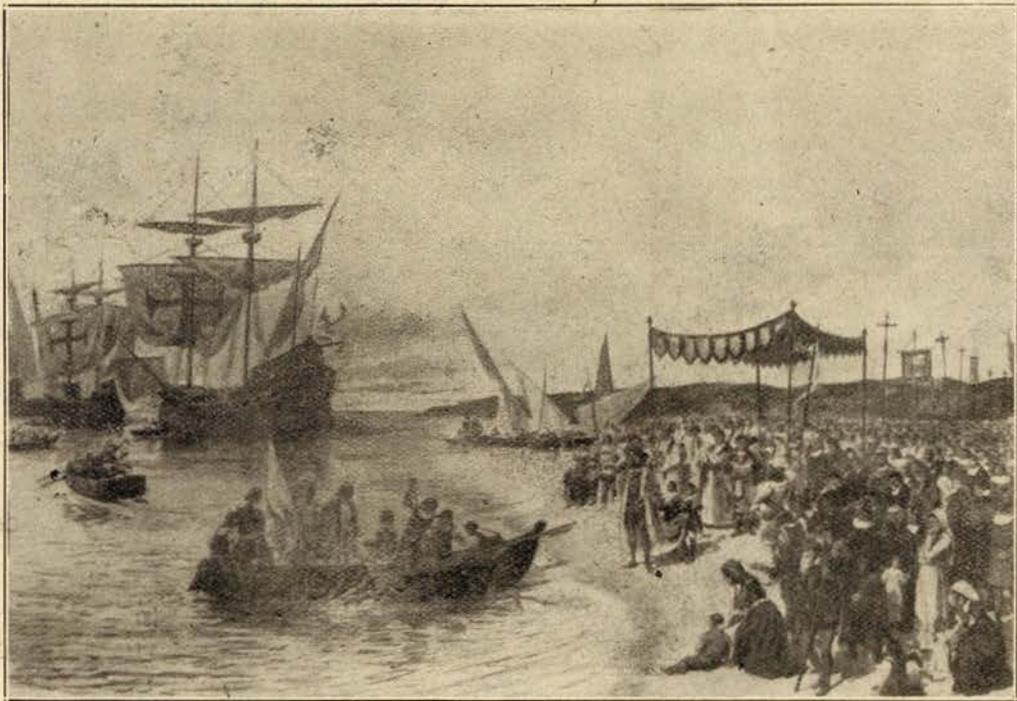
ASSOCIANDO-SE á homenagem prestada á memoria de **Vasco da Gama**, Conde de Vidigueira, os marinheiros saúdam com admiração a memória do grande navegador que realizou em 1497 o reconhecimento definitivo do caminho da Índia, pelo Cabo da Boa Esperança.

A Marinha Francesa, que eontou entre os seus officiais grandes colonisadores, não poderia esquecer a expedição de 1501 que proporcionou a Portugal vantajosos tratados, realizadas por **Vasco da Gama** com os soberanos de Malabar.

Nomeando o Vice Rei das Indias em 1524, o rei D. João III atribuia ao seu servidor uma missão proporcionada ao seu valor. Infelizmente **Vasco da Gama** morria no mesmo ano em **Cochim**, em pleno trabalho! **Vasco da Gama! Sacadura Cabral!** Destínos paralelos! Cada um deles em seu tempo abriu uma via nova e ambos, no cumprimento da sua missão civilisadora, deram heroicamente a sua vida para o engrandecimento do patrimônio de gloria da sua patria.

Em nome da Marinha da Republica Franceza, eu saúdo as suas grandes memórias.

Jacques Louis DUMESNIL.



PARTIDA DA PRAIA DO RESTELO

(Duma Aguarela de Roque Gameiro).

A Bélgica, representada pelo seu Ministro da Marinha, toma parte na glorificação de Vasco da Gama



O Ministro da marinha da Bèlgica
Mr. XAVIER NEUFEAU

(Fotografia espressamente destinada á *Gazeta das Colonias*)

Glorifier Vasco de Gama par des mots, ce n'est plus à faire.

La gloire du grand navigateur Portugais, qui, au travers des plus redoutables obstacles, a héroïquement ouvert les voies de la civilisation, est universelle.

Xavier Neufeu

É supérfluo pretender glorificar Vasco da Gama por palavras.

A glória do grande navegador português, que, através dos mais tremendos obstáculos, abriu heroicamente os caminhos da civilização, é universal.

XAVIER NEUFEAU,



O ministro das Colónias da Grã-Bretanha
MR. STENNETT AMERY M. P.
Lieut - Col. Right. Hon: L. C. M.

(Fotografia expressamente destinada
à «Gazeta das Colónias»)

It is with great pleasure that I associate myself with the tribute which Portugal is paying to the memory of Vasco da Gama. In him is personified all that band of intrepid explorers and conquerors, signalised in fame, who, setting forth from the Lusitanian shore across the uncharted seas, gave a new direction to the history of the world. They achieved the actual object which Christopher Columbus aimed at, the sea route to the Indies, and, in so doing, set on foot that economic and political inter-action between West and East which has been continuing ever since with such profound effect upon the development of both. As an incident of their task they discovered that great African Continent—a new continent as far as all save its Mediterranean sea-board was concerned—which, long neglected, appears destined in our day to play an economic role little inferior to that of the Indies or the Americas in previous centuries.

We of the British Empire, who in so many quarters of the world have followed the footsteps of those great pioneers, gladly pay our homage to their prowess and, in particular, recognise the debt we owe to the activity and example of that great «lord of conquest, of navigation and of commerce», whose memory is being honoured by his fellow-countrymen on the four hundredth anniversary of his death. For us, as for them, the inspiration of his greatness will continue to live. «Não perderá seu preço e sua valia».

19 th January 1925.

St. Amery

A Inglaterra, nossa velha aliada, presta a sua homenagem á memória do Gama e manifesta a sua admiração pela obra de Portugal, por intermédio dos seus ilustres ministros das Colónias e dos Estrangeiros

É com o maior prazer que me associo ao tributo que Portugal está prestando á memória de Vasco da Gama.

Personifica ele toda a pleiade de intrépidos exploradores e conquistadores de fama assinalada que, partindo da praia Lusitana por desconhecidos mares, imprimiram á historia do mundo uma nova orientação.

Eles levaram a cabo o objectivo que Cristovam Colombo visava, o caminho marítimo para as Indias, dando assim impulso ao intercambio económico e político entre o Oriente e o Ocidente cujo desenvolvimento tão profícuos resultados nos tem trazido. Como um incidente do seu empreendimento, descobriram o Grande Continente Africano—um novo Continente, tão distante, se se exceptuar a costa do Mediterraneo que, tanto tempo despresado, parece destinado em nossos dias a desempenhar um papel económico pouco inferior ao das Indias e Américas nos passados séculos.

Nós, do Império Britânico, que em tantas regiões do mundo temos seguido as pisadas desses grandes pioneiros, gratamente prestamos a nossa homenagem ás suas proezas e, em especial, reconhecemos a dívida que contrahimos para com a actividade e exemplo do grande «senhor da conquista, da navegação e do comércio», cuja memória está sendo consagrada pelos seus compatriotas no 4.º centenário da sua morte.

Para nós, assim como para eles, a inspiração da sua grandesa continuará a existir. «Não perderá em preço e sua valia».

19 de Janeiro de 1925

STENNETT AMERY M. P.



O MINISTRO DOS ESTRANGEIROS DA GRAN-BRETANHA

The Right Hon: AUSTEN CHAMBERLAIN. M. P.

THE discovery of the sea route to India by Vasco da Gama is one of the landmarks of history. All seafaring nations honour his name and His Majesty's Government are happy that the British Navy should participate in the celebration in honour of the intrepid navigator.

Austen Chamberlain

O descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia por Vasco da Gama é um dos factos culminantes da História. Todas as nações marítimas glorificam o seu nome e o Governo de Sua Magestade sente-se feliz por a armada britânica participar da celebração em honra do intrépido navegador.

AUSTEN CHAMBERLAIN.



O ministro das Colónias de Itália
SR. PIETRO LANZA DI SCALEA
Príncipe de Scalea

(Fotografia expressamente destinada
à «Gazeta das Colónias»)

ETERNIZA-SE no canto de Homero o mito do nauta Ezeo, mensageiro aventureiro da aurora helenica.

O verso de Virgílio immortaliza-se na *fatal proza* de Enea, a divindade do Urbe. E tambem a augusta missão dos Epigones do mar reflorcesce na soberana beleza da poesia mediterranea.

Desponta, enfim, a pallida luz de Bizancio, o pensamento classico dessa gloriosa obra de que se fez a fabula rubra do barbaro acompanhamento, quando o oprimido espirito latino não se rebelára ainda para libertar da barbaie os restos geniais duma civilisação dispersa.

Então, as notaveis energias da raça regressaram, sobre a cândida espuma d.s ondas, ao caminho da fortuna desperdiçada, tornando-se os anais maritimos poemas dignos do homérico Ulisses.

De Polo a Colombo desenrola-se a epopeia da paixão mística que anciava derrubar a barreira mitologica da terra.

E do velho tronco italico surge a rija prole possuida de singulares virtudes. São marinheiros, mercadores, exploradores, soldados que se fizeram apostolos da nova fé, dessa fé que grava o futuro do mundo.

Das longinquas praias de Italia desprende-se a palavra divina, o seu eco escuta-se na foz do Tejo, sem que se quebrante o fervor da joven monar. quia lusitana, irrequieta no augusto dominio do seu torrão.

Fez-se consciencia do povo a aspiração temeraria dum Príncipe acendido de crença religiosa e ardor guerreiro, que concebe a alada esperança de oferecer á pequena patria uma grandeza sem confins.

A soberba visão de Henrique, o Navegador, atraiu uma pleiade excelsa de audazes para a orbita que relevava o oceano imenso, maior ainda no misterio da quimera milenaria.

Perpassa na grande multidão o espirito gigantesco de Vasco da Gama. E nos fragis navios vigilantes, na rota para o desconhecido, vibra a vontade imperiosa do chefe votada á obediencia dum vaticinio régio.

Ele confia á sua intelligencia perscrutadora o itinerario do miraculosa peregrinação ao seu valor sapiente a defeza contra as insidias do mar e do ceu e á sua alma contemplativa o desvendar os arcanos do ignoto.

O seu valor admiravel despresa o regalo duma grandeza vil, converte em conquista imperial as miragens fantasticas de fabulosas paisagens, envia á Patria as maiores riquezas e revela á Humanidade atonita a via fascinadora do luminoso Oriente.

Os faustos triunfais da grande empreza que reune o mundo antigo resuscitaram o simbolo classico do Ezeo dos navegadores.

O Poeta, cantor da peregrinação revive a vetusta reminiscencia de Homero e de Virgílio, chama nostalgicamente os deuses do Olimpo, Numo tutelar do genio mediterraneo e consagra de novo o Ganges venerado numhino odisséico, voz secular da civilisação que traz nos mares a divina eternidade da vida.

Assim, recolhido em coração leonino, foi realidade da Historia o sonho dum Rei.

A Itália, pela palavra elegante do seu ilustre ministro das Colónias, aprecia Vasco da Gama e a sua obra

PER VASCO DA GAMA

NEL canto di Omero si eterna il mito del nauta Ezeo nuncio avventuroso dell aurora Ellenica.

Il verso di Virgilio immortala nella *fatal proza* di Enea la divinità dell' Urbe. Così, dalla sovrana bellezza della poesia mediterranea, riorifiorisce perennemente l'augusta missione degli Epigoni del mare.

Ma spenta la pallida luce di Bisanzio, il classico pensiero del glorioso travaglio diventa favola rozza di barbaro bivacco, fino a quando l'assopito spirito latino non si risveglia, liberando dalla stasi barbarica il geniale retaggio della dispersa civiltà.

Allora le memori energie della stirpe ritrovarono nella candida sefa delle onde il cammino delle sperdute fortune, e gli annuali marinari diventano poemi degni dell' omérico Ulisse.

Dal Polo al Colombo si svolge l'epopea della mística passione consacrata ad abbattere le mitologiche barriere della terra.

Dal vecchio ceppo italico sorge la ferrea prole armata di singolari virtù. Sono nocchieri, mercatanti, esploratori, soldati che diventano apostoli di nuova fada destinata a creare la futura vita del mondo.

La eco della parola divinatrice giunse dalle lontane spiagge d'Italia alle foci del Tago e ne raccolse il fervore la giovane monarchia lusitana insofferente dell' augusto dominio nazionale.

Diventò coscienza di popolo l'aspirazione temeraria di un Principe che, acceso di ardore religioso e di ardore guerriero concepì l'alata speranza di donare alla piccola patria una grandezza senza confini.

La superba visione di Enrico il Navigatore attrasse una pleiade eletta di animosi nell' orbita rivelatrice di oceani smisurati avvolti ancora nel mistero di millenarie chimere.

Fra tanta moltitudine pervasa dallo spirito odisseo giganteggio Vasco da Gama.

Vibra fra le fragili navi veleggianti verso lidi sconosciuti l'imperiosa volontà del condottiero votato alla obbedienza di un vaticinio regale.

Egli affida all'intuito del suo intelletto scrutatore la traccia della miracolosa peregrinazione, al suo valore sapiente la lotta contro le insidie del mare e delci elo cal all'anima pensosa impone di spezzare l'areano divieto dell' ignoto.

Mirabile animatore, spregia i moniti della prudenza vile, converte in conquista imperiali il miraggio fantastico di paesaggi favolosi, alla Patria riporta tesori di opima dovizie e rivela all' attonita umanità la via maestra dell' Oriente radioso.

I fasti trionfali dell' impresa che conginase le divise parti del mondo antico, risuscitarono l'ispirazione evocatrice del classico peana caro agli Ezeoi dei flutti.

Il Poeta, cantore di tanto pellegrinaggio, riesuma la vetusta rimembranza di Omero e di Virgilio, richiama nostalgicamente gli Dei dell' Olimpo, Numi tutelari del genio mediterraneo, e riconsacra il Gange venerato con l'inno odisseo, voce secolare di civiltà che trae dal mare la divina eternità della vita.

Così, raccolto da un cuore leonino, diventò realtà di Storia, il sogno di un Re.

Roma, 1925.

Pietro Lanza di Scalea

O significado moral do descobrimento da India

O que importa acentuar, a propósito do descobrimento da India, é que foi o prémio de dois séculos de esforço metódico e persistente, de intelligente e complexa organização, de estudo exaustivo de um dado problema, feitos por uma elite nacional.

Não pôde haver mais útil trabalho, para a geração a que pertence, que destruir definitivamente a concepção celticista que sobre as navegações portuguesas nos deixou o Terceiro Romantismo, com Teófilo Braga e Oliveira Martins (e em Espanha Menéndez y Pelayo) sob a influência de Ronau. Não, os primeiros navegadores portugueses não se lançaram ao oceano por impulso vago, romântico e idealizante, por «desejo indefinido», por «licôres de sonho», por serem celtas, emfim, segundo o retrato que do génio celtico nos deixou aquele grande escritor francês; não, a nessa elite dos séculos XV e XVI foi, como a elite alemã do XIX, a organizadora minuciosissima e científica de um grandioso plano nacional: e por isso mesmo atingiu a vitória. A vitória alcançou-se aí pelo exercício da Reflexão, pelo domínio de si próprio, pela visão clara dos objectivos, pela vontade calma e concentrada, pelo estudo científico, pormenorizado, de todos os factores do problema máximo, de todos os meios para o resolver. Que problema? O problema europeu, e não português, de obter directamente os productos orientais.

Não vamos agora, aéreos românticos dos dias de hoje, conceber os nossos maiores á nossa imagem e semelhança. Mudar de mentalidade; adquirir a orientação mental dos nossos Avós do século XV; sermos *inteligentes*, emfim, na verdadeira acepção desta palavra: eis, ao que supponho, o primeiro passo indispensável para a regeneração da nossa Grel. Se os centenários e comemorações históricas nos podem servir para acentuar tal facto; para divulgar entre os Portuguezes de hoje o *verdadeiro* retrato dos seus maiores; para exaltar as virtudes deles, que foram as virtudes do pensar claro, do espirito critico, do propósito firme, da persistência do esforço, da concentração mental, da organização vigorosa, do domínio de si, — serão utilíssimas as comemorações; se não, — melhor seria não as fazer.

ANTONIO SERGIO.

Dois séculos de sonho e luta

OS primeiros precursores, conhecidos, de Vasco da Gama foram os genovezes Tchisio Dória, Ugolino de Vivaldi e um irmão seu, que em 1291 partem para a India por Mar, tendo, ao que parece, naufragado nas costas de África. Estes são, na verdade, os primeiros precursores: levam consigo religiosos. — dois frades franciscanos; aspiram a chegar à India «*ut per marem oceanum irent ad partes Indiae*», e vão movidos por intuitos de comércio, «*mercimonia utilia inde diferentes*, como naquele mesmo tempo Jacopo Doria relatava. Mas era infinitamente cedo ainda. Haviam de acumular-se os obstáculos ao comércio no Levante; havia a Europa de amadurecer longamente aquele plano; e haviam de criar-se os meios nauticos e adextrar-se os capitães, os mestres e os pilotos, que pudessem levar a cabo a empresa. Assim, quando o Gama parte, já tem atrás de si dois séculos de esforços, de estudos, de sonhos, de ambições, naufrágios e lutas desesperadas. Mingúa por isso a estatura do Herói? Ao contrário. A sua grandeza cresce na proporção da aspiração ideal, de visão, de sofrimento, de humanidade que ela representa. Durante dois séculos a Europa bateu com desespero ás cerradas portas de oiro e pedrarias do Oriente. O Gama abriu-as de par em par. E ainda hoje dura o movimento dilúvico de expansão que se engolfou por elas. Por isso Vasco da Gama é um dos criadores maiores da civilização moderna e á sombra do seu feito se desenvolveu o formidável poderio da mais poderosa das nações contemporaneas. — a Inglaterra.

JALME CORTESÃO.

VASCO DA GAMA

O nosso destino é o Atlantico.

O Atlantico é o mar da raça, o mar da Independencia, o nosso mar. Das duas politicas aproveitadas no tempo de Afonso V, a politica do norte de Africa e a politica da India, embora ambas fôsem seguidas para inteira gloria lusa, a que o tempo mostrou como maior e mais proficua foi a politica da India.

Tanto valeu a tomada de Alcácar Ceguér, Arzila e Tãnger, o desvio da barbarie, a tranquillidade da peninsula e o remanso para todos os povos do mediterraneo, em resumo a segurança nacional, tanto valeu como nada em frente do destino que nos chamava ao Atlantico, através do maior mysterio.

D. João II orientou todos os seus estudos e esforços no sentido da maravilhosa descoberta.

O Atlantico é a solicitação permanente, só na nossa costa é que o mar chama e clama, trazendo em cada onda uma promessa, em cada espuma a sua esperanza.

De todas as politicas pois a que venceu — foi a unica, a historica, a eterna — a do mar!

Diogo Cão vai até ao Zaire. Preste João não chega nunca, nunca mais vem, procura-se, é a pedra filosofal da alquimia misteriosa dos caminhos do mundo e lá vão Pero da Covilhã e Afonso Paiva.

Bartolomeu dobra o Cabo da Boa Esperança.

A sciencia nautica portuguesa atinge a maior perfeição; «foi em Portugal que pela primeira vez no ocidente se praticaram os processos de direcção do navio pela observação dos astros, sem os quais seria impossivel empreender expedições tão aventurosas» como afirma um escritor francês contemporaneo.

D. Manuel resiste á politica da costa norte de Africa e envia Vasco da Gama á India.

Vasco da Gama parte na viagem mais aventurosa de todas quantas reza a nautica dos povos. Camões, para definir a luta com o mysterio, inventa a formidavel figura do Adamastor. Criação sem nome que debruça a amurada dos seus barcos no precipicio infinito e ignorado de todos os destinos, de todas as lutas, de todas as forças.

As mitologias sossobram e a voz e a forma do desterro sombrio da terra, fala e aparece ao portugues que as toca. E' uma sobreposição de existencias e a consagração mais divina do dominio do homem sobre o mundo.

A politica do mar deu a India, a politica do norte de Africa deu Alcacer Kibir.

Hoje é preciso honrar o passado e derrotar, como Vasco da Gama, á procura das Indias novas que sempre o povo tem diante de si.

PINA DE MORAIS.

A lição de Vasco da Gama



O mais antigo retrato de Vasco da Gama

(Pertenceu á familia durante seculos e hoje encontra-se na sala «Índia» da Sociedade de Geografia de Lisboa)

(Reprodução fotografica de Carlos Varquez)

QUANDO no seculo XV Portugal iniciou o ciclo dos seus descobrimentos geográficos, a sua população não ia muito além dum milhão de almas, das quais se apurariam para a máquina do estado, para andar sobre o mar e para conquistar e colonizar novos mundos apenas uns trezentos e cincoenta mil homens validos.

Foi com esse punhado de homens, superiormente dotados, e os seus directos descendentes que Portugal criou a navegação do mar alto, saindo dos tímidos methodos medievos, costeiros e mediterraneos; foram esses homens, quintessenciados ainda numa nata de eleição, que revolucionaram a construção naval, criaram todas as sciencias auxiliares da navegação, a meteorologia, a astronomia nautica, a cartografia, a oceanografia; foi esse breve punhado que pela vez primeira percorreu todo o continente africano, o Oceano Indico e o Pacifico até ao Japão, que atravessou o Atlantico em todas as direcções, para a Terra Nova, para a Peninsula do Lavrador, para o centro e para o sul da America; que devassou florestas e subiu rios, povoou desertos, submeteu povos inteiros, evangelizou e civilizou. Depois trocando productos ou transplantando culturas, aumentou a riqueza do mundo e na sua exploração inaugurou normas economicas, varias segundo as condições locais. E assim desta obra portentosa, a que poderemos chamar o reconhecimento integral da terra, é indelevel o nome desses portugueses, a que vieram juntar-se os espanhois, acordados pelo visionario Colombo, e mais tarde os ingleses.

Os portugueses, que tais coisas fizeram, ampliar a terra e versatilisarem-se em dons e capacidades multimodas — as do navegador e do guerreiro, as do politico e homem de sciencia, as do heroismo vitorioso e as da pru-

dencia cautelosa, as do comerciante e as do missionario, e ainda a inspiração do poeta e a reflexão do historiador que tais glorias exalçassem — os portugueses de então eram aquelas fisionomias abertas, iluminadas pelo clarão dum ideal, aquecidas ao halito da fé, fortes no conceber e no querer, que vemos retratadas nas tabuas de Nuno Gonçalves.

Muitas vezes, querendo penetrar a alma que animou os homens do Infante, para surpreender a sua tempera sobrehumana, me tenho surpreendido a perguntar se deles directamente descenderão estes portugueses de hoje — que se entregam delirantemente á vesania da autophagia, que organizaram o seu viver social numa engrenagem de mediocridade e asfixia, que repele todas as superioridades e elegancias morais.

Creio que pensar neste contraste e buscar alento para romper este ambiente de cobardia e entorpecimento é a maior lição que se pode extrair da lembrança dos herois da era quinhentista, entre os quais é Vasco da Gama uma das figuras primaciais, porque ao heroismo tenaz e forte juntou a reflexão sábia e porque foi como que o fiel mandatario dum programa nacional, de longe tacteado e perseguido: achar a India.

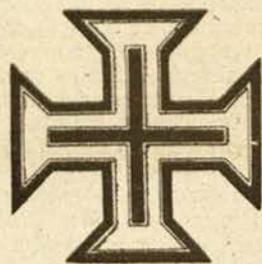
E' bom, é justo que lembremos com gratidão e respeito comovido as glorias avitas, das quais ainda hoje vivemos, porque os valores, que possuímos, delas nos herdámos e porque o prestigio, que conservamos, delas nos provém. Mas melhor será que diligenciemos alguma fecunda lição extrair dessas vidas superiormente vividas, que curtas e precarias como as nossas, de hoje, lograram perdurar pelos feitos altos que realizaram, pelos serviços inolvidaveis prestados á causa da civilização e da humanidade.

Requintar o nosso amor ao torrão patrio, estreitar a solidiedade das gerações, cuja sequencia espiritual forma a Patria, concentrar todas as nossas energias e todos os nossos sonhos no seu engrandecimento, desdenhar a vida mediocre, vegetativa, só pela immediata conveniencia norteada, e erguer a alma para a esfera transcendente, em que pairaram os homens de quinhentos, os antecessores e companheiros de Vasco da Gama — é a lição que nos dá o centenario do descobrimento do caminho marítimo para a India.

Levantar hinos de glorificação com a voz rouca de gritar maldições e malversações, e a consciencia suja de pensamentos torpes e calculos vis, erguer para o altar da Patria as mãos corruptas da tarefa maldita da destruição da obra de Vasco da Gama e dos seus pares — sobre hipocrisia, é sacrilegio nefando.

Esperemos, no sentido de aguardar e de ter esperanza, que as almas dos nossos avós, como o espectro de D. Manuel I, na prosopopéa garretteana, nos advirtam e que a esse magico sinal voltemos a ser os lusiadas valorosos, a quem os seculos novos tantos cometimentos reservam ainda.

FIDELINO DE FIGUEIREDO





ESTATUA DE VASCO DA GAMA
(Estatua de Simões de Almeida existente na Sociedade de Geografia de Lisboa)

Quatro séculos depois...

«Quais seriam hoje de feito as relações do Oriente e do novo mundo com o ocidente, se Portugal houvesse perecido no berço? Quem ousaria afirmar que, sem Portugal, a civilização actual do genero humano seria a mesma que é.»

ALEXANDRE HERCULANO.—O Bôbo.



RECORDEMOS! Recorde-mos!... Já descemos tanto que, se não olharmos para trás, nem vemos esperanças de subida, nem trilhos que não sejam de vergonha e de perdição. Os saíos de setim e de brocado, que outrora nos enroupavam o corpo robusto, deslumbrando o olhar ciumento da Europa, foi em míseros farrapos que a rapacidade alheia e as nossas doidas mães os converteram. E, de queda em queda, rolando sempre, em ceguidão, até o último degráu da escadeira que mergulha em pântanos de morte, numa tão fraca e pequena coisa nos tornámos que até de nós se afastam o carinho e o respeito que bem mereceria esta nossa velhice honrada de tradições e enobrecida de glórias, — as máximas e as mais legítimas que a Humanidade conheceu.

Não é sem comoção profunda que, erguendo a vista da charqueira em que nos vamos afundando, para o trôno de oiro onde a poderosa Inglaterra pompeia a sua grandeza dominadora, eu evoco as palavras, ao mesmo tempo enérgicas e doloridas, do ultimo grande homem que Portugal contou — o Marquez de Pombal — ao orgulhoso gabinete britânico, quando o almirante Boscawen, afrontando a neutralidade do país, perseguira e incendiara na baía de Lagos, em 16 de Agosto de 1759, a esquadra francesa do almirante La Clue:

Vós fazieis bem pequena figura na Europa, quando nós já a fazíamos mui grande. A vossa ilha apenas formava um pequeno ponto sôbre a carta geográfica, ao passo que Portugal quasi a enchia toda com o seu nôme. Nós dominávamos em Ásia, África e América, e entretanto vós não dominaveis senão em uma pobre ilha da Europa. O vosso poder era do número daqueles que só podiam aspirar ao de 2.º ordem; mas, por meios que vos temos dado, podesteis elevar-vos a uma potencia de 1.º ordem.

A recordação entristece, não é verdade? — Entristece, sim, mas retempera. E é por isso — meu Deus! — é por isso que faço da História o meu livro de Horas para as rezas de cada dia, buscando nele os *alentos* de que preciso para lutar, a *fé* de que necessito para crêr, e o *orgulho* de que careço para odiar, — *luta* da minha pena pela minha Pátria, *crença* da minha alma pelos seus destinos, e *ódio* do meu coração pelos que a detraem, — sendo a História uma

fonte eterna de energias, que, desgraçadamente, não sabemos aproveitar nas escolas onde se educa e se forma a mocidade de Portugal.

Temos agora ante os olhos uma campa de veneração que o nosso amor abre eternecidamente: — são cinzas que, ha quatro séculos, dormem na Terra, e que nem a Terra nem os séculos ainda conseguiram destruir. Nem as destruirão jámais! Bem poderá subverter-se a nacionalidade, porque em desatinos sómos ferteis e, nos escrúpulos, a consciência dos Estados vai ombreado com a das aves de rapina... Mas aquelas cinzas hão de subsistir! E nelas será a Pátria imorredeira, porque da memoria dos homens jámais poderá apagar-se a lembrança de que fóram náus portuguesas que a rota da Índia devassaram e que foi Vasco da Gama que as levou. E de Vasco da Gama é a sepultura que, ajoelhados em reconhecimento, hoje cobrimos de flôres, — talvez molhadas de lágrimas pela baixaza em que tombamos, talvez rociadas de esperança, pela grandeza a que ainda poderemos subir.

Povos de todo o mundo, que não quereis olhar para nós, olhai para aquelas cinzas!... Acaso as tendes iguais? — Mostrai-as! E, se não as tendes, então que a vossa fronte se descubra ante o povo que, nos seus sarcófagos, guarda valores de tal quilate.

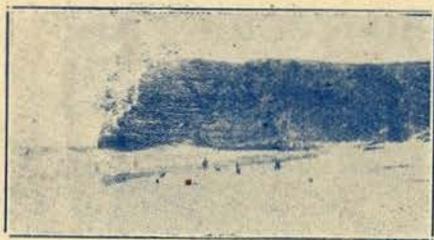
Que vida foi aquela! Que vida!... Alma temperada para todos os cometimentos, *audácia* que o mistério não arrefece, *energia* que os perigos não afroixam e *bravura* que a morte não perturba, — coube-lhe a eleição para a travessia dos «mares tenebrosos», que do *sôno da Índia* nos traziam afastados. E em 25 de Março de 1497 que, desfaldadas as velas da sua pequenina armada, levanta ferro e parte. Em 22 de Novembro dobra o «Cabo das Tormentas» e entra, afoito, nas águas agitadas do Indico. As tripulações succumbem... O mar espumava fúrias na crista das ondas gigantescas... E, a Índia, — sabia-se lá onde ficava, no vasto daquele horizonte imenso, onde nem vela de embarcação nem asa de gaivota os olhos da maruja lobrigavam! Para onde iria aquele doido? Para onde iria?...

...E, de mãos postas, lhe pediram que voltasse:

— «Antes que visse cem mortes deante de mim não tornaria atrás nem um só palmo», — sibilou em resposta. E as prôas foram continuando no rumo do norte, cortando as vagas e amotinando as almas. O terrôr gera a conspiração... Mas logo os seus dedos a sufocam, mandando que a ferros sejam postos os pilotos e lançados ás ondas os instrumentos de navegação:

— «Gentes, — exclama — olhai que não tendes mestre nem piloto que vos ensine o caminho de hoje em deante. Aqui só Deus é mestre e piloto. A ele vos encomendai e pedi misericórdia, que a mim ninguém me diga que arribe, porque não hei de arriber emquanto não descobrir o caminho que vinha a buscar».

...E em 20 de Maio de 1498 fundeava em Calicut. Estava, finalmente, descoberto o *caminho marítimo para a Índia!* E fóra Portugal — o pequenino Portugal! — que abriera a rota por onde, um século após, haviam de engol-



Cabo da Boa Esperança

far-se as rapaces ambições da Europa... fazendo dele a maior e a mais inocente vítima das suas garras.

Coberto de glória, entra no Tejo em 18 de Setembro de 1499. O feito era de tal grandeza que bem lhe bastaria para honra eterna. Mas nem o adormentam os loiros, nem os perigos do mar o quebram:—em serviço da Pátria triunfou, no serviço da Pátria morrerá. Havia na Índia uma traição a castigar, e logo o seu braço se prontificou á punição. E, com rumo á Índia, novamente parte em 25 de Março de 1502, sendo agora luzida a sua armada e forte em gente de armas a sua companhia, — muita dela usando titulos e nomes da maior nobresa de Portugal. Dois temporais a assaltam, dispersando as velas... E é só em Moçambique que se reúnem. Poucos mezes após, o poderoso Samorim de Calicut pagava com a destruição do seu poderio no mar as agressões desleais que praticara, e o rei de Cochim convertia-se no amigo dedicado e fidelissimo que Portugal sempre ali contou.

De volta a Lisboa, trás, sob o seu comando, dez navios ajoujados de riquezas. E foi por esta viagem que D. Manuel «*lhe concedeo as ancorages da Índia, e o fez almyrante do seu mar pera sempre... fazendo-o hum dos principays homens do seu reyno*».

Passam-se, depois, cerca de 20 anos em que fica gozando os seus bens e honrarias. E, durante este tempo, a Índia, que tivera a governá-la a intelligencia firme de D. Francisco de Almeida (1505-1509) e a intrepidez nobilissima de Afonso de Albuquerque (1509-1515), já não era para nós a simples feitoria onde as armadas iam em busca da pimenta preciosa: — era um império vasto que, desde Ormuz até ao extremo limite da Malásia, só via tremular no tópo dos mastros a bandeira de Portugal. Mas, com Lópo Soares de Albergaria, começara de entrar nele a corrupção daninha, que tanto do nosso prestigio maciçou e abateu: — homens de «*mão zelo e danada consciencia*», que nela se deram «*a usar males e roubos*» com mira de enriquecerem, fizeram que o côro das vítimas tão alto se erguesse que em Portugal chegou a ser ouvido. E então se nomeia, com o fim de pôr cobro aos latrocínios, Fernão de Alcaçova vedôr da Fazenda, «*com poderes isemptos do governador*». Mas não bastou ainda... Em Diogo Lopes Sequeira, que a Lópo de Albergaria succedeu, falha o pulso que devia impôr a moralidade; e, com D. Duarte de Menezes, a malversação atinge o impudôr.

E', então, que, mais uma vez, se pede ao *Descobridor* que volte á Índia... para a salvar. E, pela terceira vez, o *Almirante-môr* sulca as ondas do mar em demanda das terras que a sua intrepidez ligara aos destinos da Pátria, sendo a náu «*Santa Catarina do Monte Sinai*» que o desembarca em Gôa no dia 11 de Setembro de 1524, levando consigo os poderes de Vice-rei para a administração que o seu critério e probidade aconselhassem. Dois filhos o acompanham, — D. Paulo e D. Estevão. E com ele vai pessoal selecto, fidalgos e cavaleiros, para o exercicio sem mancha dos diferentes cargos: Afonso Mexiva para vedôr da Fazenda; D. Henrique de Menezes, para capitão de Gôa; Lópo Vaz de Sampaio, para capitão de

Cochim; Pedro de Mascarenhas, para capitão de Malaca; D. Simão de Menezes, para capitão de Cananôr; Francisco de Brito, para a carreira de Ormuz.

Deznáus e quatro caravelas compõem a sua armada. E, antes de na Índia tocar, airda mar alto, nas proximidades de Dabul, um raro fenómeno a colhe e apavora: em plena calmaria, no quarto de alva, um súbito «*tremôr que durou quasi huma hora*», — como disse Gaspar Correia, — agitou o mar de tal maneira que em pedras de baixios parecia que as náus tocavam, ameaçando abri-las com o choque. Camões o registou:

«*Oh caso nunca visto, e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh Gente forte, e de altos pensamentos
Que tambem dela hão medo os elementos!*»

Mas, no dizer de D. Vasco, eram «*as terras da Índia*» que tremiam. E aquilo era «*um bom agoiro*», porque tremiam... «*com medo de nós...*» E assim seria!... Rijos eram os pulsos e intrépidas eram as almas que na quebra armada o Almirante-môr levava.

Apenas desembarcado, logo caprichou em fazer inquirições e ouvir queixas para administrar justiça. E tão honestamente mandou pagar aos que tinham sido espoliados, como implacavelmente mandou repôr aos que, dinheiros da Fazenda ou de pessoas, haviam subtraído. Acabada a sua faina em Gôa, embarcou para Cochim, tocando em Cananôr e portos intermediarios. E, ao mesmo tempo que as náus iam carregando as mercadorias para o seu regresso a Lisboa e o seu plano de governo se esboçava em medidas de expansão e de dominio, a sua mão de ferro ia impondo a disciplina na fidalguia insolente e desordeira que pela Índia ficara enraizada.

Sucede, porém, que na cabeça e no pescoço se lhe formam tumores malignos, que o desvairam de dôres, e que a sciência da época não sabe remediar. E, pouco tempo depois, — no dia em que o Natal se festejava em todos os lares cristãos da cidade de Cochim, — as luzes, que deviam alegrar a sua mesa, eram postas tristemente... a velar o seu cadaver.

... Assim findou o Homem que, na História de Portugal, gravara a mais bela e a mais brilhante das suas páginas. A Índia, que lhe dera a Glória, acabara tambem por lhe tomar a Vida. E essa Vida, — que a Índia ainda hoje não esquece e que, tanto como nós, enternecidamente comemora, — é o simbolo máximo das virtudes que, através dos seculos, hão distinguido a Raça... se me dão licença os que não medem a Raça senão pelos caracteres fisicos do craneo, esquecendo a unidade indestrutivel das almas.

¿ Quando voltaremos nós — meu Deus! — a ter Homens como os havia dantes?

MAJOR LEITE DE MAGALHÃES



A Europa e a Índia no século XV

As consequências do feito do Gama

O século XV no Ocidente fôra um século fértil em acontecimentos sensacionais.

A descoberta da pólvora revolucionára a arte militar; o conhecimento da bússola mudára as condições da navegação; a invenção da imprensa e a introdução do papel feito de trapos transformára e expandira a educação; o eco das Cruzadas estava tão extinto que os maometanos tinham forçado as portas da Europa; a ruína do feudalismo engrandecera a autoridade real que nessa época sintetisava as nações.

Ao findar da Idade Média a Europa política não era o que hoje é. O Norte comquanto estivesse constituído em reinos, achava-se ainda imerso nos seus nevoeiros. A Inglaterra refazia-se da guerra civil das *Doas Rosas* que a assolára. A Austria sob Maximiliano I tornara-se poderosa. A França sob Luis XI conseguira a unidade monárquica. Na Ibéria estava formada a Hespanha com a expulsão dos últimos árabes da Granada em 1492. A Holanda, a Bélgica, a Alemanha, a Itália não existiam como unidades políticas. Aqui e acolá nacionalidades se erguiam e lutavam pelo seu reconhecimento.

Toda a Europa estava a reconstruir-se sobre os escombros do feudalismo e os reis achavam-se empenhados na consolidação do seu poder e na organização dos seus reinos. Ninguém pensava em aventuras. A difusão dos sábios gregos despertára em alguns paizes, sobretudo italianos o amor pelo estudo das letras e artes greco-romanas.

Só em Portugal (pois a Hespanha aproveitou neste século dos descententes portugueses), o jardim à beira-mar plantado, uma pleiade de homens sonhava com aventuras longínquas. O mar nos seus amplos segredava-lhes a glória que os esperava ao longe, além-mar. A figura inconfundível e gigantesca do Infante D. Henrique, sobre os rochedos de Sagres a sonhar e a prescuar o processo oceano, ainda continuava dominando o pensamento português.

A prematura morte do grande rei, o mais ardente continuador da sua obra fizera crer a muitos o fim das empresas marítimas. D. Manuel, porém, colocando-se ao lado dos mais audazes, ofereceu um formal desmentido ás suposições, activou os preparativos e após dois anos da sua ascensão expediou o punhado de bravos que, immortalizando-se, deviam immortalizá-lo também.

Vasco da Gama qual zagão da antiga Grécia com a sua *Argos*, comandava esses bravos na nau S. Gabriel. E que de coragem, serenidade, ânimo e mesmo dureza não foram precisos ao insigne argonauta para nas alturas do Cabo subjugar o terror que se apoderára da tripulação!

Após 10 meses de inenarráveis contratempos, provações e tormentos no dia 20 de Maio de 1498 surgiu Gama no porto de Calicut na costa Malabar, da Índia meridional. Estava realizado um dos grandes cometimentos que os homens empreenderam. Gama achava-se na Índia, Portugal entrava no panteão da Historia Universal.

Mas o que era a Índia, no século XV?

A Índia, este país de sonho e de mistério tão vasto que é considerado um subcontinente e tem a extensão da Europa sem a Rússia, jazia num esquecimento de si própria. Atíngira o apogeu da sua civilização no século IV da nossa era Chandragupta II fôra o Péricles indiano. A vaga dos hunos, no V século e a avalanche dos turcos no século XI tinham completado a sua obra de redução e destruição.

Ao esgotamento do esforço gasto na criação e desenvolvimento duma civilização original, tinha succedido o terror e a destruição das incursões e devastações.

A dinastia indo-turca que sob Muhamad-bin-Tuglak no século XIV atingira a plenitude do poder, pois levantára tributos de quasi toda a Índia, do Himalaia ao Cabo Comorim, e o auge das atrocidades, succumbira ao peso dos seus próprios crimes.

A Índia no século XV politicamente estava pois sob poderes diversos.

No Hindustão além da Rajputana sob os rajputs, floresciam os sultanatos de Bengala, de Delhi, de Janapur e sobretudo o de Guzerate (a Cambaia dos portugueses). No Decão o império Bahmani tinha-se fragmentado em 5 sultanatos: Amadnagar, Berar, Bidar, Golconda e Bijapur. Só na Índia meridional erguia-se um poder indú que era suzerano de todo o Sul, o império de Vijayanagar (a Bisnagar portuguesa) sob o rei Narasinha (por isso chamado reino de Narsinga).

O regime politico dominante era nas suas linhas gerais, o feudalismo, e tantos rajás citados nas crónicas portuguesas não são senão senhores feudais com mais ou menos importancia, como os houvera na Europa medieval.

As invasões anteriores aos turcos vinham apenas movidas pelo intuito de procurar subsistências que escasseavam na sua terra natal. A dos turcos tivera porém dois fins: a difusão do seu credo e a exploração das riquezas da Índia.

A sua penetração coincidiu porem com o florescimento do neobramanismo nas suas duas formas: sivaismo e vishnuismo e que,

embora previsto no século áureo, só tinha começado a tomar forma com Kumarila bata no século XII.

Comquanto o neobramanismo ou induismo fosse uma amálgama das tres religiões dominantes: bramanismo, budismo e animismo, ele não repudiára o principio de castas que tinha raizes demais profundas no solo indiano. Pelo contrario a desigualdade dos nascimentos era a base em que se assentava a civilização indú.

Com metade da população (feminina) encerrada nos zenanas e a outra metade dividida em castas, a Índia era um campo de facil submissão a quem com um pouco da audácia tentasse fazer fortuna. Aventureros egipcios, persas, árabes, arménios, tártaros e mongois affluíam á Índia á busca de espólios. A pirataria era tambem uma profissão muito vulgar e rendosa que se exercia no Indico e Pacifico.

Todo o trafego desde a costa oriental africana (Sofala) até o Extremo Oriente (China, Japão, e as ilhas do Pacifico) estava nas mãos dos árabes que eram os unicos intermediários.

O intercambio intelectual indú estava circunscrito somente aos árabes que tendo-se salientado apenas como assimiladores e transmissores não exerceram nenhuma acção sobre a mentalidade indú. Certo é que as suas ideias religiosas, sobretudo o monoteismo é a não differenciação pelo nascimento impregnaram alguns reformadores indús medievais como Ramanad, Chatania, sem tomar em conta a fusão pretendida por Nanak, o fundador dos sicks e por Kabir, visto que ambos foram maometanos convertidos. O sultão Adil Kan (Idalcão) de Bijapur tentara tambem extinguir as differenças religiosas e raciaes por meio de casamentos mixtos e por admissão e associação dos indús na administração e exercito. Mas estas tentativas, as primeiras no Norte e as últimas no Decão, sendo isoladas e de pouca duração não tinham alterado a fisionomia geral da Índia.

Os dominantes turcos, aguerridos como todas as tribus da Asia Central, impondo-se pela força e tornando-se arrogantes e insolentes concitaram odio dos dominados. No século XV toda a Índia, mesmo a que estava sujeita aos potentados indús, suspirava pela libertação da tutela mourisca, quer ella fosse politica ou unicamente commercial.

A aparição do Gama em 1498 nas águas de Malabar, país do Sul habitado pelos povos não arianos, abriu uma nova era para a Índia, pois que rompeu as barreiras que a isolavam, despertou-a da sua apatia e descobriu-lhe horizontes novos, mensageiro como elle era duma civilização nova.

Os argonautas portugueses com o insigne Gama á frente foram pois os precursors da Renascença indiana. Vasco da Gama mereceu preito da Índia toda. Não fosse a sua audacia e a inflexibilidade do seu caracter que atíngem um grau supremo nas alturas do Cabo em luta com a fúria do ceo e do mar e a revolta dos seus companheiros, não nos é dado calcular quantos séculos mais duraria a letargia indiana.

Mas não é só a Índia que é credora do Gama, tambem a Europa e a civilização devem-lhe imenso. Os resultados immediatos da sua empresa foram economicos e sociais. Transformou completamente a marcha e a forma do commercio; provocou o uso das letras de cambio, que originou a criação dos bancos; com a riqueza mobiliária nasceu a burguezia que rivalizou com a aristocracia; nasceram as indústrias e deslocaram-se os centros comerciais do Mediterraneo para o Atlantico. E por muito tempo o feito do Gama só foi encarrado sob este prisma.

Agora porém, neste século de instrução pública, de imprensa diaria, de descobertas archeologicas, de linguas e filologias comparadas, de nacionalismos e de regionalismos, a empresa portugueza do século XV avulta e cresce em importancia.

Colombo descobrindo a America só offerecera terras ferteis á exploração dos europeus; Gama abrindo o caminho maritimo da Índia, não só proporcionou riquezas materiais, mas tambem concorreu para descobrir uma civilização opulenta que tão poderosamente está influyendo no curso do pensamento humano.

Cada século que passa vai convencendo os europeus da alta acuidade intellectual dos indús nas eras passadas. A Índia vai recuperando o seu lugar no concerto universal do pensamento humano. Rabindranath Tagore na poesia, J. C. Bose nas sciencias, Makatma Gandhi na politica, S. Das Gupta na filosofia, etc, enriquecem e alargam o pensamento mundial pelo seu génio. E Vasco da Gama foi o primeiro emissário dessa luz que hoje inunda a Índia.

Inglezes e holandezes quasi por um século tentaram eclipsar o cometimento do Gama procurando atíngir a Índia pela passagem Noroeste, não o conseguiram porém.

Hoje 4 séculos decorridos sobre o seu desaparecimento corpório curvamo-nos agradecidos e reverentes sobre o seu túmulo.

Nova-Goa, 25 de Dezembro de 1924.

M. ERMELINDA DOS STUARTS GOMES,

A ÚLTIMA ETÁPE

MELINDE-CALICUT

TERRAS de Guzerate! Entre nós, portugueses, quem há hoje que as conheça, que se lembre da alta política que lá desenvolvemos, que delas saiba retirar-lhes o seu justo valor?

Linda terra dos meus amores, no desconhecido Guzerate compreendida! Quem há hoje, nesta própria Índia, neste retalho do grande império a que pôs ombros o maior português que veio ao Oriente, quem há que se tirando dos seus cómodos vá até esses muros, beijá-los com a veneração com que se deve beijar uma sagrada reliquia?

Todavia, sobre um dos seus mais alterosos baluartes, ainda lá flutua, coberta de glória e de benções, a invicta, a santa Bandeira de Portugal que deu ao mundo novos mundos.

Mas, ai! a fugaz grandeza, o nosso pobre destino...

Ret cedamos para 1493. Vencido o primeiro e o mais perigoso lanço — a passagem do Cabo — estamos em pleno Indico, seguindo a costa africana do leste. Um acaso fez com que encontrássemos no mar uma almadia que navegava com a sua vela de esteiras. Os marujos pretos e quasi nus atiraram consigo ao mar, assim que nos viram, e safaram-se a nado, mas um mouro que ia dentro, vestido com panos de seda, esse, por não saber nadar, ficou muito aterrado em nosso poder.

O Capitão-mór estava muito satisfeito, porque todas as informações que recebia do mouro concordavam com o que lhe tinham dito daquelas terras de além do Cabo, as cartas de Pero da Covilhã que por El-Rei D. Manuel lhe tinham sido mostradas. Assim, disse-nos o mouro que em Sofala, por onde nessa ocasião passávamos, mas sem a ver, havia muito ouro; que em Moçambique para onde iam, guiados por ele, governava um scheick, vasallo de outro mais poderoso, que havia mais adiante, em Quilôa; que em Moçambique se fazia muito negócio dos mouros com a gente da terra; que os mouros vinham da Índia e para a Índia voltavam carregados de ouro, marfim e outras mercadorias; que ele, mouro, que nos falava, era de Cambáia, e que para lá nos levaria, se nós quizéssemos, porque era o reino mais poderoso que havia na Índia. (1)

O mouro torna-se simpático a bordo. Perde o medo oriental de gente estranha e oferece-se para piloto da armada. Aceita-se-lhe o oferecimento, e quando Vasco da Gama chega a Moçambique, de caminho para a Índia, era para o Guzerate, para Cambáia, que ele se dirigia, e não para Calicut, na Costa de Malabar. Assim, portanto, fique isto bem assente: a nossa brilhante epopeia no Oriente, efémera embora, teria começado no Guzerate, em Diu, talvez, como «lugar de mór trado que agora se acha em todas estas partes», como dizia o exacto e sempre bem informado Duarte Barbosa (2) se o astuto *xeque* de Melinde não houvesse, por interesse próprio, desviado a rota da gloriosa armada para o sul da Índia, para Calicut. Esta afirmação não a fez ainda nenhum historiador nosso; mas, como algures já dissemos, bom é que se registre nesta ocasião em que se comemora o 4.º Centenario do grande Navegador.

Segue a armada para Mombaça e Melinde, onde chega a 14 de Abril. O rei mouro (3) de Melinde não usa os processos traiçoeiros dos de Mombaça e Moçambique,

antes recebe os nossos com requintes de hospitalidade; porém, no seu intimo acolhe-nos de pé atrás, pois vindo a saber da rota que levávamos, entra desde logo a dissuadir Vasco da Gama de seguir viagem para Cambáia, prometendo ensinar-lhe melhor caminho para a Índia. Efectivamente, convence-o de que não deve ir para Cambáia aonde não nascem as drogas e especiarias que o rei de Portugal deseja, e onde se vendem, é verdade, mas por preço muito mais elevado do que em Calicut, que está em terra onde nasce a pimenta e o gengibre (4); e para concluir dá-nos piloto para a viagem até á costa indiana.

Foi leal, foi desinteressado o conselho do senhor de Melinde ao Capitão-mór da armada portuguesa? Nunca vimos discutido este ponto da história das nossas descobertas. Mas quer-nos parecer que não.

No momento, o que mais havia a temer da nova gente ocidental que vinha em busca de cristãos e pimenta, já não era a luta contra o invasor terrível, ainda não manifestado em toda a sua pujança, senão a concorrência mercantil de mais um competidor evidentemente de respeito, no grande e riquíssimo tráfico do mar da Índia. Compreendeu-o perfeitamente o rei de Melinde e melhor ainda o executou, sob a ideia fixa dos seus interesses ligados aos dos dominantes mouros no norte da Índia, seus consócios naquele tráfico, dando assim, talvez sem o querer, a primeira manifestação do velho ódio sarraceno contra a gente portuguesa.

Não foi, pois, desinteressado, nem leal o conselho dado para se não ir a Cambáia, conselho cujo móbil Vasco da Gama certamente não alcançou.

A influência maometana estava, ao tempo, firmemente consolidada em todo o norte da Índia, em especial no Guzerate. As relações comerciais de Cambáia com a costa oriental de Africa eram já seculares e activissimas. Em todas as monções seguiam para Melinde, Quilôa, Mombaça e Sofála as naus de Meca e de Cambáia carregadas de roupas e especiarias, trazendo em retorno marfim e ouro. Ao contrário, no sul da Índia dominavam os monarcas indús sempre em maior ou menor rivalidade com os soberanos mouros.

E', pois, claro que um competidor estranho, como seriam os portugueses, antes a contas com o Samorim de Calicut, do que com o sultão de Guzerate; antes enriquecido no meio dos hindús do que reconhecido entre os mouros.

Assim pensou decerto o velho e perspicaz scheick de Melinde, e daí o seu leal conselho, e daí o seu oferecimento dêsse piloto que fez mudar a rota da armada do grande descobridor português, quando o primeiro rumo que este tencionava fazer, ao atirar-se para o desconhecido mar que o devia conduzir á Índia das lendas maravilhosas, a esta peregrina região que o génio do Infante D. Henrique entrevira das escarpas da sua escola de cosmografia e navegação em Sagres, esse primeiro rumo seria, não para Calicut, para a costa de Malabar, mas, sim, para a do Guzerate, muito provavelmente para Diu, que assim teria sido a primeira terra da Índia a rever-se naquela sublime Bandeira das quinas que, poucos anos mais tarde, havia de vir enchê-la das suas glórias, imortalizá-la com os seus triunfos.

Mas que teria sucedido, sob o ponto de vista politico, se em vez de Melinde-Calicut, a ultima etápe da famosa Expedição tivesse sido Melinde-Diu?

Goa, Dezembro—1924.

JERÓNIMO QUADROS

(1) Pinheiro Chagas — *A Descoberta da Índia*, p. 67-68.
 (2) Conde de Ficalho — *Garcia da Orta e o seu tempo*, pag. 87.
 (3) Rei como lhe chamam os nossos cronistas, mas deve ser *xeque* ou *scheick* (do árabe *shaik*), isto é, sultão, dominante mouro.

(4) *Lendas*, I, 57.

Vasco da Gama e a India

«Não me mandas contar estranha história
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.»

Lusiadas, C. III, E. III

TÊM os centenários a incalculável vantagem de, glorificando os homens que de qualquer modo contribuíram para o progresso da civilização, despertar a alma dum povo para nobres ideais, estabelecer um vínculo moral de solidariedade entre as nações, activar os estímulos para fecundos cometimentos, criar um impulso patriótico para novos destinos, realizar não raro uma reviviscência intelectual em todas as suas

do globo inteiro, — outro em 1915, o da morte do inclito conquistador de Goa Malaca e Ormuz figura que ao-dêce-luar da historia se destaca a um tempo como guerreiro invencível e estadista de largas vistas.

De ambas as vezes houve na India uma verdadeira eclosão de sentimentos patrióticos, traduzindo-se em ruidosas festas populares e brilhantes artigos de jornais, livros, conferências e monografias; vibrou de intenso entu-



CHEGADA A CALICUT

(Duma aguarela de Roque Gameiro)

varias modalidades. São festas jubilaes que se não solemnizam senão decorrido um século para que a acção que o homenageado exerceu na marcha evolutiva da sociedade seja apreciada com fria serenidade, sem optimismos que lhe encareçam o merecimento, nem desafeições que lhe reduzam o vulto.

Na India Portuguesa tivemos nos últimos tempos dois desses jubileus, que foram celebrados com o maior luzimento, porque evocavam dois factos simpáticos e duma importância culminante: um, em 1898, o do descobrimento do caminho marítimo da India, com que Portugal, na vanguarda de todos os povos, completou sob os melhores auspícios a grande obra do reconhecimento e vassalagem

siasmo civico a alma do indo-português, com o qual ninguém pôde pleitear primazias no seu acendrado culto pelas heroicas figuras dos pretéritos tempos, — *homens de verdade, espadas largas e portugueses de ouro.*

E' por isso que o mimoso cantor do *D. Jaime*, que esteve aqui como secretário geral, tendo tido nesta qualidade ensejo de conhecer bem a indole e o civismo dos naturais da India, escrevia num dos seus encantadores livros: «todos os portugueses deviam vir á India como os musulmanos vão a Meca, não para desanimar e desdizer da pátria, mas para robustecer a grande crença no futuro da nação, cujo pendão foi todo luz».

Tambem desta vez tem excitado um vivo e justificado

entusiasmo a idéa da celebração do 4.º centenário da morte do egrégio Almirante, que em três ocasiões esteve na India, deixando rastros impercíveis da sua gloriosa passagem.

Como todos sabemos, por muitos seculos andou a exploração dos *mares nunca antes navegados* nas mãos de duas raças: os escandinavos, que se distinguiram pela pirataria, tendo no decurso dos seus cruzeiros descoberto a Rússia e a Groenlandia, e os árabes que na arte de navegar lhes eram imensamente superiores, conhecendo bem os segredos da matemática, astronomia e pilotagem. E', pois, licito supôr que os Portuguezes, de seu natural ousados marinheiros, houvessem recebido fortes estímulos para as suas empresas marítimas pelo contacto diuturno que tinham com essa segunda raça, ao tempo largamente espalhada na península. E como era época em que vogavam extravagantes lendas ácerca do Oriente, onde a fantasia popular localisava o paraíso terreal e a séde do celebre príncipe cristão de nome Preste João, os brios aventureiros dos Portuguezes, ávidos de devassar os segredos dos oceanos, despertaram em toda a sua pujança, a sua alma de intrépidos mareantes e de bravos cruzados acordou alvorçada, lançando-se com ardôr na temerária tentativa de rasgar as brumas em que se velavam continentes e mares e de travar relações com esse famigerado *papa do Oriente*.

Dai as arriscadas expedições marítimas, cujo génio criador foi o iluminado do Promontório de Sagres, — expedições que se assinalaram nos fastos históricos do mundo sobretudo desde que Bartolomeu Dias dobrou o Cabo Tormentório.

Foram as informações deste insigne nauta que incitaram Vasco da Gama a sair apenas com 4 cavalos, em 1497, em demanda da India, tendo chegado a Calicut a 21 de maio do ano immediato.

São interessantes os episódios dessa celebre viagem, que fez voar o nome de Portugal nas azas da fama, tendo nos *Luziadas* a sua grandiloqua e brilhante consagração. Não cabe aqui rememorar esses episódios limitando-nos tão sómente a dizer que as consequências desse audacioso feito foram antes de tudo, uma verdadeira revolução histórica, a aliança do Oriente e do Occidente, cujas civilizações se confundiram e se completaram, dando lugar a essa fecunda endosmose intellectual e moral de que dia a dia se observa mais vivaz e avassaladora a influencia na Europa e na India. A sciência realisou importantes conquistas nos reinos animal, mineral e vegetal, a geografia ampliou os seus conhecimentos e até a medicina recebeu novas e valiosas contribuições.

Vasco da Gama, pois, com a sua notabilissima viagem á India não preparou sómente o terreno para gloriosas descobertas territoriais ou empresas comerciais, mas abriu' tambem novos e luminosos caminhos para conquistas scientificas. Dai a fulgida aureola de que o consenso unanime dos povos lhe cinge o simpático nome; dai tambem o fervido culto que se lhe vota nesta India, onde ainda o seu vice reinado de pouco mais de três meses se salientou pela acção moralizadora que o grande almirante imprimiu em todos os serviços, travando a roda de abusos e corrupção que se haviam enroscado em todas as classes sociais nos nove anos que se seguiram á morte do austero Afonso de Albuquerque, cuja politica colonial, orientada por um alto espirito de rectidão e justiça, foi o farol que o guiou no governo dos povos indianos. E' por isso que o Senado de Goa *em memoria e reconhecimento dos muitos feitos do insigne capitão, pera que assi como ele foi o primeiro que deu noticia deste Estado á Nação Portuguesa, assi fosse ele o primeiro que fosse visto dos que nesta*

cidade entrassem», colocou em 1597, uma estatua do grande argonauta no arco *ad hoc* construido á porta da cidade, do lado do mar, — *arco das grandes eras*, como seculos depois lhe chamou Tomaz Ribeiro, além de pôr um retrato dele na sua sala de sessões.

Foi essa estatua derrubada numa noite, em 1600, pelo furor vandalico dos inimigos do vice-rei D. Francisco da Gama, bisneto do Almirante das Indias, mas tal era o amor e o reconhecimento dos indios pelo bisavô daquele



IMAGEM DE S. RAFAEL

da qual, segundo se diz, Vasco da Gama se fez sempre acompanhar.

vice-rei, que não tardaram estes em colocar logo no referido arco outra estatua do mesmo Almirante do Mar da India, a qual ainda hoje domina ensombrada por um denso palmeiral e cercada de ruínas duma cidade, cujo pristino esplendor se pôde aquilatar pelo que os estrangeiros que a visitavam dela diziam deslumbrados: *quem viu Goa escusa de vêr Lisboa*, — estatua que tem vindo contemplando, através de seculos, o miserô estado a que chegou o poderoso e vasto imperio luso-oriental erguido pelos que, na frase de Diogo de Couto, *pelejavam com as tripas numa mão e a espada noutra*.

Nova Gôa.

AMANCIO GRACIAS.

A influencia da viagem de Vasco da Gama de Lisboa a Calicut, na cartografia nautica

(Do discurso pronunciado na sessão solene da Sociedade de Geografia, pelo sr. Almirante Ernesto de Vasconcelos, seu illustre secretario perpétuo.)

Haviam os portuguezes, nas suas caravelas, percorrido a costa da Africa desde Ceuta até ao Cabo Badajoz.

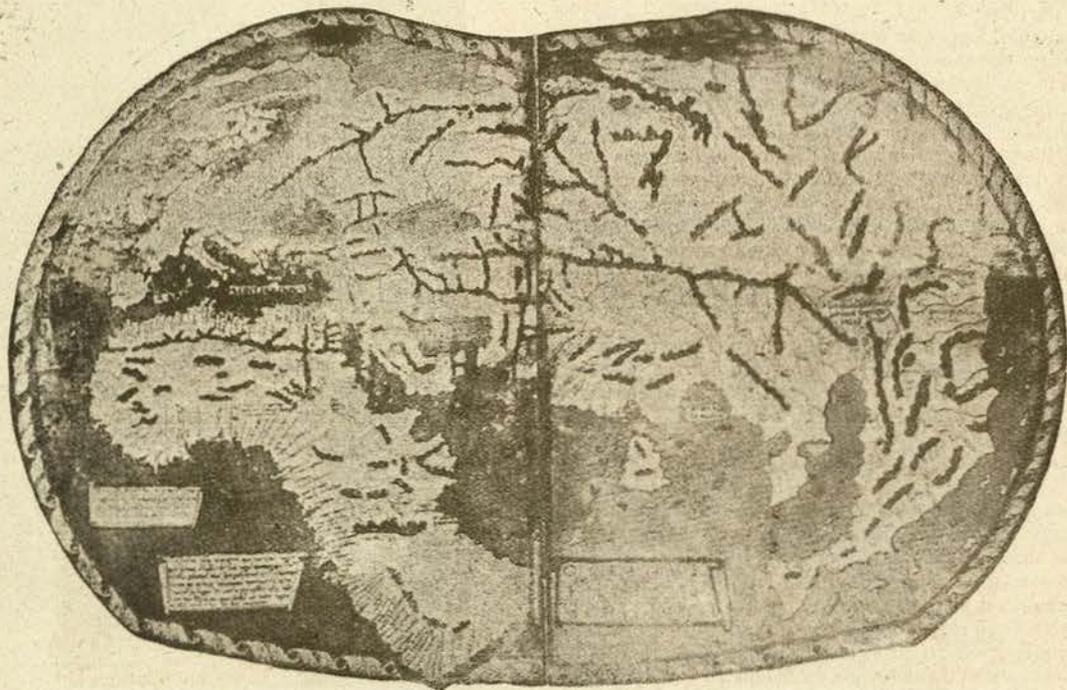
Haviam descido ao fundo do Golfo da Guiné, e, passando o equador, chegavam á costa do reino do Congo e depois a Cabo Negro, procurando atingir a ponta da Africa. Esse cometimento realisa-o Bartolomeu Dias, que contornou a costa meridional, deixando o seu ultimo padrão sobre um penedo que parece um ilhéu (False Islet) a que chamaram «ilhéu da Cruz», próximo ao rio do Infante, já no Indico; ficando assim demonstrada a possibilidade de, contornando o misterioso continente pelo sul chegar-se á India. Ah, nesse cobizado Oriente dilatamos o nosso dominio. A Vasco da Gama seguem-se João

as descrições portuguezas, entre o mar Mediterraneo e o Oceano meridional.»

O autor do mapa reconhece assim que são os pilotos portuguezes os que contribuíram para dar á Africa, segundo as descrições portuguezas, entre o mar Mediterraneo e o Oceano meridional.»

O autor do mapa reconhece assim que são os pilotos portuguezes os que contribuíram para dar á Africa atlantica a sua verdadeira representação, em vez da forma fantástica que lhe era attribuída, nas cartas medievas, de que citaremos a Carta Catalã (1375), a de Andrea Bianco (1436) e de Johannes Leardus (1442).

Não é esse um dos menores serviços prestados pela navegação portu-



INSULARIUM ILLUSTRATUM HENRICIS MARTELLI GERMANUS

da Nova, Pedro Alvares Cabral, Vicente Sodré, Lopo Soares de Albergaria que derivaram pelo Cabo das Tormentas, já convertido em Cabo da Boa Esperança, o apeteido commercio que enriquecera o Egito e Veneza.

Essas viagens de descoberta e de exploração, que iam fazendo ao longo do litoral, vinham ruindo a teoria de Ptolomea, mostrando a verdadeira forma do contorno da Africa e assentando na nomenclatura portugueza dada aos cabos, ás angras e baías, aos rios, aos parais, aos montes e ás ilhas, encontradas pela costa abaixo.

Nomenclatura portugueza é facto, mas que os nossos sucessores nem sempre tem respeitado e por vezes, propositadamente, adulterado.

E eu lembraria mais uma vez que se ressuscitasse dos arquivos a toponymia portugueza antiga, publicando se um mapa-mundi, ou pelo menos a carta d'África, com essa nomenclatura. Seria isso uma bela consagração das descobertas portuguezas e o restabelecimento duma verdade histórica.

Nesta primeira fase das navegações, tratava-se apenas de reconhecer a costa, e, por isso, as nossas cartas de contorno, eram verdadeiros portulanos, para uso da navegação, tambem chamados cartas arrumadas, por terem os rumos marcados, para o nauta se dirigir e orientar.

Com a viagem de Bartolomeu Dias, completam os pilotos e os cosmógrafos a carta da Africa na parte atlantica e ainda o trecho meridional, desde o Cabo das Tormentas até ao rio do Infante.

O mapa-mundo de Ptolomeu fica então em grande parte refundição pelos cosmógrafos portuguezes, como se patenteia pelo Mapa-Hundi, denominado «Insularium Illustratum Henrici Martelli Germanus» manuscrito, existente no Museu Britânico e baseado nos trabalhos portuguezes, pelo que respeita a toda a costa occidental d'África, chegando até ao termo da viagem de Bartolomeu Dias, onde o autor põe a legenda indicativa de ter sido no rio do Infante, o termo da ultima navegação de Portugal, em 1478.

O mapa foi concluído em 1489 e pretendeu dar a verdadeira forma da costa occidental, como diz a legenda latina, colocada á entrada do Golfo de Guiné, em que se lê: «Esta é a verdadeira forma moderna da Africa, segundo

guezas, dando a mundo a sua verdadeira imagem nos portulanos, que são a admiração dos seculos.

Efectivamente o mapa-mundi de Henrici Martelli, concluído em 1489, quando Bartolomeu Dias já havia entrado no Indico, pode sintetisar a «Imago Mundi» na época; porque o Globo de Martinho de Bómisia, apesar de datado de 1492 e das pretensões do autor, não tem o valor que se lhe tem querido attribuir, é muito pobre na forma do continente africano, falho de nomenclatura e em tudo inferior ao mapa de Martelli que pode, com razão, continuar a representar a imagem do mundo pregamaneano, até ao termo da descoberta d'India.

Excluída a Africa mediterranea e atlantica do mapa de Martelli, a configuração do Indico é ainda baseada no Atlas de Ptolomeu e a do interior da Asia nas viagens de Marco Polo; mas o interior dos continentes não interessa ao nosso problema de agora.

A viagem de Vasco da Gama á India, prolongando-se por toda a costa oriental d'África, até que o piloto melindano o auxiliou para chegar a Calicut, traz-nos e'ementos para a verdadeira forma do Indico na região percorrida e quando, em 1501, se tem em Lisboa conhecimento das descobertas de Corte Real na Terra Nova e no extremo meridional de Groenlandia, que se supôs ser a ponta da Asia, acorreram a Lisboa os curiosos por saberem os detalhes da descoberta, que foram logo enviados para a Italia, tendo Hercules d'Este ordenado ao seu embaixador em Lisboa, que lhe enviasse uma carta, em que estivessem representadas as ultimas descobertas dos portuguezes, tanto no oriente como no occidente.

Alberto Cantino, que era esse embaixador, encarregou então a um cartógrafo, aqui em Lisboa, de fazer essa carta, que lhe foi concluída antes de Novembro de 1502, sendo logo remetida para Modena, onde o original se encontra na Biblioteca Estense, tendo-se-lhe extraído algumas reproduções. Ficou este planisfério, á falta de nome de autor, denominado o «Mapa de Cantino» que, para os mehos versados na história da Cartografia, pode passar por ser o autor dele.

O mapa de Cantino se tem grande interesse para a evolução da cartografia do Novo Mundo, não o tem menos para a do Indico.

E', pode afirmar-se, um trabalho completamente português, que custou a Alberto Cantino doze ducados ouro.

Foi com certeza elaborado depois do regresso de Gaspar Corte Real, em 11 de Outubro de 1501, e terminado antes de Novembro de 1502, como dissemos.

O outro planisfério da época, é o de Nicolas Canerio Januensis, inteira mente análogo ao anterior, mas menos perfeito no contorno da Africa e nas latitudes de muitos pontos da costa.

A nomenclatura de Cantino é toda portuguesa, pelo menos na Africa e India, enquanto que a de Canerio resente-se da nacionalidade do autor, não obstante a origem do mapa ser portuguesa e tanto assim o reputa o erudito investigador americano Mr. Stevenson, que lhe chama «The Portuguese Marine Chart of Canerio».

São pois dois mapas que representam, com a possível perfeição a influencia que teve a viagem do Gama na evolução da cartografia marítima, porque é dessa viagem que procedem os novos subsídios que serviram para a elaboração do planisfério de Cantino.

Também poderíamos fazer referencia ao Mapa-Mundi português, anónimo, de 1502, descrito pelo Dr. Hany, por isso que em relação à costa oriental da Africa, tem uma forma correcta que em cousa alguma se assemelha à delineada no mapa de Martelli.

Egualmente poderíamos ainda considerar, para o mesmo objectivo, o mapa de Juan de la Cosa, compilado em 1500, e, portanto, como aquele, elaborado já com elementos recolhidos da viagem de Vasco da Gama, porque seria um auxiliar para o melhor conhecimento do contorno da correlativa parte do Indico. Não é, porém, inteiramente assim, porque a carta de la Cosa é imperfeita na forma e na nomenclatura, demonstrando não ter tido conhecimento da península indostanica, contentando-se em pôr a inscrição:

«Entre um e outro rio um grande espaço
Sae da larga terra uma longa ponta
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula infronta».

No que respeita ao Indico, como já aludimos, o mapa de Martelli segue inteiramente o delineamento de Ptolomeu. Na costa meridional da Asia, desde o *Mare rubrum* até à *Aura Chersoneso*, é fantástica. O *Situs Persicus* tem a forma rectangular e o Indus, entre o Indus e o Ganges, é apenas uma linha recortada no sentido leste-oeste, vindo-se ao sul uma ilha, a Taprobana, rodeada de pequenas ilhas semeadas ao acaso. Ao oriente a disposição das terras é ainda mais extraordinária. Toda a costa oriental da Asia que se prolonga, encurvando-se, para sudoeste e adelgaçando-se até sul da *Aura Chersoneso*, deixa aí a entrada para o *Situs magnus*. Em volta de todo este terrít.ri. continuam no mapa as ilhas dispersas.

No mapa de Cantino a configuração do Mar Vermelho é superior á de Martelli e mais perfeita do que a do mapa de Canerio, embora nos três o *Situs Persicus* seja como o da carta de Ptolomeu, de 1482.

Cantino, como Canerio, quan'o ao delineamento geral da Africa e do Indico, representam um notavel aperfeiçoamento, pois a forma periférica dos continentes é muito sensivelmente a actual, podendo dizer-se perfeita para a época e tão perfeita que a Africa dos mapas de Diogo Ribeiro feito em Sevilha em 1529, e a de Dapper concluído em Amsterdam no ano de 1676, lhe são inferiores.

A península indo-gangética já tem então a forma triangular com o vértice ao sul, tal como a descreve Camões no Canto VII, referindo-se ao Indus e ao Ganges:

Cantino dá igualmente á península de Malaca um delineamento equivalente ao actual.



A CARTA DE CANTINO

«Tierra descubierta por El-Rei D. Manoel de Portugal» devendo para o nosso fim ser posta de lado. A sua utilidade é mais para o que respeita ao Novo Mundo; o que não nos deve admirar visto que Juan de la Cosa foi o grande piloto de Colombo; na sua primeira viagem á America. Além disso presta mais atenção ás descobertas espanholas do que ás nossas.

Consequentemente devem apenas prevalecer os dois primeiros mapas e como, não nos resta duvida de que o planisfério de Cantino é de manufactura portuguesa, é a esse que tomaremos para tipo, porque melhor representa como aludimos a influencia que teve a viagem do Gama na renascença da cartografia nautica.

Vasco da Gama obteve do piloto melindano informações preciosas sobre o Mar da Arábia e decerto alcançou alguma carta dos pilotos árabes, como outros dos nossos navegadores, as obtiveram dos pilotos indús e javaneses. E' o que se depreende do que diz Camões falando do Gama quando leva a bordo aquele piloto:

«No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vae mostrando
A navegação certa, e assim caminha.
Já mais seguro do que d'antes vinha».

(Canto VI)

Ainda temos a considerar que em 1500 a armada de Pedro Alvares Cabral, depois da descoberta do Brasil, seguiu derrota para a India, e novos elementos se conheceram para aperfeiçoamento das cartas, tendo naturalmente chegado ao conhecimento do autor do mapa de Cantino, pelo que não deve admirar que ele seja uma imagem superior a outras da época, o que é confirmado pela opinião de Ravenstein, que examinou uma excelente fotografia desta carta, dizendo que ela é de uma superioridade incontestavel sobre todas as de que acima falamos.

São os efeitos da viagem de Vasco da Gama a modificarem quasi completamente a representação cartográfica do Indico, habilmente aproveitados pelo incognito autor do mapa, conseguindo produzir um trabalho gráfico que, pela sua exactidão, nos dá uma imagem do oceano Indico, em tudo semelhante á que estamos habituados a ver nos mapas contemporâneos.

Desde então a viagem de João da Nova e a expansão portuguesa nos mares do oriente, trazem novas contribuições para o aperfeiçoamento da cartografia marítima, que assim vai perdendo sua feição ptolomeana. E ao terminar o ciclo das nossas grandes descobertas tinhamos completado, nas suas linhas gerais, o reconhecimento do oriente e destruído definitivamente as hipoteses fantasistas dos partidários da teoria de Ptolomeu. Cabe-nos essa gloria.

E' que a idade histórica de Portugal se firma no período das suas notáveis expedições oceánicas, que nos trouxeram a renascença da cartografia, que foi evoluçionando para a sua actual perfeição, atingindo a verdadeira imagem do mundo.

Sob esse aspecto eis quanto se deve a Portuga!. E se hoje desapareceram as fortalezas, os templos e os monumentos que levantamos por esse mundo fóra, até onde chegaram os nossos galeões e as nossas naus, não se destruiu, nem se destroe, esse monumento, os *Lustadas*, que deixam de ser a epopeia de um heroe para serem a afirmação da vida de um povo naquele período heroico.

Quere dizer, os portugueses além de prestarem inegalaveis serviços á civilização, com as suas descobertas, abrindo á expansão europeia os mares do oriente, numa epopeia que vem desde a conquista de Ceuta, trouxeram para a imagem do mundo a sua verdadeira configuração. Grandes aperfeiçoamentos lhes deve, portanto, a geografia em geral e a cartografia em particular.

Glorificar aqueles que, como Vasco da Gama, contribuíram pelo seu arrojo, servido pela sciencia, para tão alto levantarem o nome português, tornando-o imorredouro, é um dever que nos é grato cumprir.

A India e o 4.º Centenário de Vasco da Gama



VASCO DA GAMA

(Retrato existente na Biblioteca Nacional)

«Vasco da Gama como quem primeiro uniu o Ocidente ao Oriente, Luis de Camões como o melhor cantor dos feitos portugueses e Afonso de Albuquerque como o grande político da formação de impérios coloniais, são os três grandes gigantes que da história de Portugal transitaram para a história do mundo. São portugueses, mas pertencem hoje á humanidade.»

(Do extracto da preleção do prof. do Liceu dr. Benedito Gomes, publicado pelo diário *Heraldo*, de nova Gôa).

FORAM grandiosas e de notavel brilhantismo as festas que na nossa India se fizeram, comemorando o 4.º centenário do falecimento do grande navegador português Vasco da Gama ás quais se juntaram as homenagens a mais dois vultos portugueses: Afonso de Albuquerque, cuja data do falecimento passou a 16 de Dezembro, e Luis de Camões, cujo nascimento se calcula aproximadamente ser no ultimo quartel do ano de 1524.

A iniciativa quasi que partira de um distinto professor do Liceu Central da India, o sr. dr. Egipsi de Sousa, secundada e animada por um dos mais distintos académicos de Portugal, o sr. Henrique Lopes de Mendonça, que se interpoz com a grande autoridade do seu nome perante o governo da Republica, para que tal comemoração tivesse o esplendor que merece aquele grande português que, afrontando superstições e lendas, procelas e vagas indômitas, conduzira o estandarte da boa nova das relações do Ocidente para a India famosa.

Não ha muito, quando foi da épica viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, as Camaras do Estado da India se haviam juntado na Camara Municipal da capital do Estado para uma grande sessão de homenagem aos heroicos aviadores.

O 4.º centenário de Afonso de Albuquerque e o do descobrimento do caminho marítimo da India, foram tambem entusiasticamente celebrados.

Nem outra coisa era de esperar agora dessa India, a quem tantos laços de simpatia e até de parentesco nos prendem, cujo caminho marítimo tanto esforço custou a Vasco da Gama, onde Afonso de Albuquerque deixou tão imorredoura saudade, e onde Luis de Camões escreveu uma parte dos seus Lusíadas; e mais ainda, onde tanto sangue português se derramou nas fortalezas de Diu e nas actuais ruínas da Velha Cidade de Gôa e tanta ossada abunda, de homens que se sacrificaram por um Portugal maior.

Foi no edificio do Liceu Central de Nova Gôa, que por si é

A propósito das grandiosas manifestações por ocasião do 4.º Centenário de Vasco da Gama, a India glorifica outros dois grandes Portuguezes: Luis de Camões e Afonso de Albuquerque

herdeiro das antigas Escola Matematica e Militar, da Academia Militar e do Instituto Profissional, que tiveram inicio as festas da India, pela evocação da figura de Albuquerque, que é o patrono daquele Liceu, cujo falecimento decorreu a 16 de Dezembro.

As homenagens glorificativas seguiram pelos dias seguintes, 26, 27 e 28, com numeros de programa variados e ricos, na capital do Estado. Efectuaram-se antes desses dias as festas comemorativas pela provincia fora com manifestações solenes por toda a parte, desde as sedes dos concelhos até ás aldeias e até na fronteira terrestre de Colem.

No Liceu Central Afonso de Albuquerque, promovida pelo seu illustre Reitor sr. Alberto Garcia da Silva e Conselho escolar, realizou-se uma sessão solene com assistencia do Governador geral sr. dr. Jaime de Moraes, alto funcionalismo, academia e outras individualidades. Falaram o reitor, o professor escolhido pelo Conselho, o sr. dr. Benedito Gomes, um aluno da 7.ª classe de Letras o sr. Luis de Menezes, e no fim o sr. Governador geral.

O professor sr. dr. Benedito Gomes versou a sua conferencia encarando Afonso de Albuquerque pela sua obra imperialista, reflectindo-se na Europa e no mundo, despertando outras nações como os ingleses, holandeses, franceses e dinamarqueses para a disputa da India e do seu comercio.

O mesmo professor dr. Benedito Gomes fez dois dias depois uma outra preleção, sobre os feitos de Vasco da Gama e de Luis de Camões, completando assim a evocação dos três grandes vultos da história portuguesa que na India estiveram e dois deles por causa da India, e na India morreram.

As festas comemorativas de Vasco da Gama e de Camões, em especial, principiaram na capital do Estado no dia 24 de Dezembro, pelo lançamento da pedra fundamental para o monumento a Vasco da Gama, na cidade do mesmo nome em Mormugão. Foi uma cerimonia imponente. Falaram o sr. engenheiro Zuzarte de Mendonça, o professor do Liceu sr. dr. Egipsi de Sousa e um professor primário, todos evocando com saudade o grande feito de Vasco da Gama.

A noite, o sr. Manuel Antunes Amor, illustre inspector de instrução primaria, exhibiu em fitas cinematográficas a viagem de Vasco da Gama, seu trabalho de composição e obtenção, aditando vários trechos de Portugal. Foi pela primeira vez que em Gôa se iniciou a bela forma instrutiva do cinema para o estudo da historia de Portugal. O salão da Camara, onde se realizaram as projecções, estava completamente cheio, vendo-se na assistencia desde o mais alto chefe até ás crianças da instrução primaria.

No dia 25 de Dezembro, realizou-se a distribuição do bodo aos pobres, no Jardim Municipal das Ilhas, feita pelas senhoras, tendo sido iniciada pela sr.ª D. Alice de Moraes, esposa do sr. Governador geral e continuado por outras. Foi distribuido arroz, um bocado de fazenda ou um lenço, e oito tangas. Antes da distribuição o capitão sr. Adelino Delduque, combatente da Grande Guerra, fez um excelente discurso, referindo-se á historia portuguesa que é brilhante e dizendo que a sua evocação é necessaria, como exemplo. Falou no fim o advogado sr. Polibio Mascarenhas. Pelas 18,30 horas houve continencia militar á Bandeira, de frente do palacio do governo, feita por um avultado numero de militares, sob o comando do capitão sr. Mendonça.

No dia 26, 1.º dia de gala da «Semana Vasco da Gama», um dos vapores da carreira diaria da *Bombay Steam Navigation C.º* fez o sinal de continencia, á hora do izar da bandeira defronte do palacio do governo em Pangim. Com a tripulação em formatura, o sub-piloto içou um quadro grande onde se via o retrato de Vasco da Gama, e em que uma senhora colocou uma corôa de honra. O agente dessa Companhia em Gôa, é um filho da India, o sr. Francisco Mourão.

Durante o dia, inúmeros brincos populares vindos de diversos pontos do concelho, percorreram as ruas da cidade dando esse tom alegre e ruidoso, mas simpático, do povo.

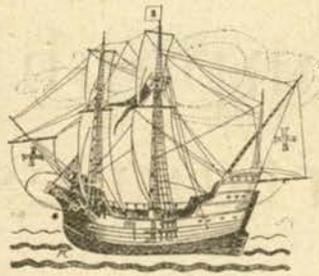
A noite uma iluminação profusa por toda a cidade, havendo edificios publicos como o das Alfandegas, e o da Agencia do Banco Ultramarino que pareciam arder em bicos dispostos com arte, outros em que a nota dominante foi a beleza, como a Imprensa

Nacional, a Camara Municipal e principalmente a repartição dos serviços da navegação fluvial que estava um encanto.

As margens do Mandovy achavam-se tambem profusamente iluminadas desde Agrada e Cabo até Malim e Pangim.

A' noite o Governador geral sr. dr. Jaime de Moraes e sua esposa deram uma recepção no palacio do governo, finda a qual os convidados foram assistir de varanda á queima dos fogos de vista no Mandovy.

Pelas 22 1/2 horas uma marcha *aux flambeaux* com duas bandas de musica percorreu as ruas da capital levantando vivas á Patria, á Republica, a Portugal, á India portuguesa, ao Governador geral, etc.



No dia 27, o numero mais atraente foi o concerto musical no Jardim municipal que se achava iluminado com profusão e muita arte. No concerto tomaram parte perto de 80 figuras, tendo sido dirigido pelo capitão farmaceutico Alfredo Tinoco.

No dia 28, realisou-se na Velha Cidade a colocação das insígnias de Almirante á estatua de Vasco da Gama que existe anichada no Arco dos Vice Reis, onde em pavilhão *ad hoc* erigido, falaram os srs. capitão dos portos da provincia Tito Moraes, e o sub-chefe dos serviços de saude dr. Froilano de Melo, arrebatando o auditório.

Na Igreja Catedral da Sé, o Patriarcado das Indias era dirigido pelo vigário geral o Mons. Augusto Carvalho, foi cantado o «Te-Deum» com bênção do Divinissimo.

Pelas 16 1/2 horas realisou-se no salão do palacio do governo em Pangim uma sessão solene em que falaram com muita proficiencia e entusiasmo, o presidente da comissão de festas, sr. dr. Peixoto Vieira, o sr. dr. Adolfo Costa que recitou uma poesia da sua layra, o sr. Amancio Gracias, sub-diretor da Fazenda e membro da comissão, o sr. dr. Wolfgang da Silva, chefe dos serviços de saude e a menina Olga Avez que recitou uns versos *Galeões de Portugal* letra do sr. dr. Diogo do Carmo Reis, professor do Liceu e director interino da Escola Normal.

Foi no fim arreada a bandeira nacional do mastro de ao pé do palacio do Governo, indo depois as forças militares sob o comando em chefe do Governador geral, fazer continencia ao monumento de Vasco da Gama, defronte da Camara Municipal.

Em suplemento ao Boletim oficial da provincia, foi publicada uma portaria, pela qual foi restabelecido o *Instituto Vasco da Gama* fundação saudosa de Tomaz Ribeiro, e foram concedidos subsidios para duas escolas livres de Hindustani, uma de Pondá e outra de Pangim, ambas funcionando desde algum tempo, subsidios que foram os primeiros para essa espécie de ensino na India portuguesa.

As festas pelo centenario de Vasco da Gama, que quasi tiveram inicio no Liceu Central a 16 de Dezembro, terminaram pois a 28, e calaram profundamente no povo da India como exemplo de educação civica mostrado, apesar da India ser hoje uma provincia deficitaria e vendo com tristeza os seus funcionarios estarem sem vencimentos ha 6 mezes, e os de Angola e da Guiné aqui residentes ha mais de 2 anos sem receberem um real como aposentados que são.

Muito grato deve ter sido para governantes e governados essa prova do civismo da India, pela memoria de Vasco da Gama e dos seus dois companheiros no génio, Afonso de Albuquerque e Luiz de Camões.

Glória para Portugal que soube ser crédor dessas provas e glória para a India portuguesa que mais uma vez provou que sabe fazer justiça a quem a merece.

Hontem, hoje e amanhã

FOI de Vasco da Gama a gloria inmarcescível de tentar o absurdo e vingar o impossivel.

Domina a natureza; e, á custa de milagres, realisa a visão do sonhador de Sagres; de Bartolomeu Dias segue na esteira audaz, mas progredindo sempre, sem olhar atraz; a cruz de Cristo implanta na Africa Oriental; dá-nos da India a posse; e arrasta Cabral a colher outro império para a patria lusa; Magalhães estimula, ao qual uma recusa leva a servir estranhos, por tomar a peito a empreza que ideou; e, forte de despeito, o Pacifico ara e morre junto á Sonda, mas depois de forçar a Terra a ser redonda.

Foi ninho de condor o velho Portugal; acalentou herois, que, em luta desigual, dominaram o mundo e foram dando leis a ignotas nações e a poderosos reis. Hoje, velho e cançado, ainda lhe resta a gloria que transpira das paginas da sua historia; o vastissimo imperio que lhe foi legado tem sido pela Europa aos poucos retaliado; o leopardo bretão, esse especialmente, cravou-lhe em toda a parte e sempre a garra ingente. Pois apesar de tanto estar, de vez, perdido, apesar das retalições que tem sofrido, ainda o vasto e feraz dominio colonial faz grande e conhecido o velho Portugal.

Se as glorias do passado e os erros do presente servirem de lição e prova convincente; se o génio português, leal, cavalheiroso, se tornar mais prudente e menos generoso; se virmos no ultramar o que devemos ver; ainda Portugal poderá vir a ser a copia do que foi, impondo-se ás nações, como patria do Gama e patria de Camões.

G. S.



(Do «Numero comemorativo do 4.º Centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India», publicado em Macau em 1898).

Companhia Transatlântica Portuguesa de Navegação

A «Gazeta das Colonias» ouve o sr. Comandante Correia da Silva, sobre este patriótico empreendimento.

COM este nome fundou-se em Lisboa uma Companhia de navegação, á testa da qual estão homens duma larga iniciativa, animados por um grande desejo de servir os interesses e o nome de Portugal.

Sobre os serviços que tal Companhia deve prestar á economia nacional, bem como sobre o aspecto moral da sua instituição, já varias individualidades se tem pronunciado por uma forma que não permite quaesquer duvidas.

Entendemos ser interessante ouvir alguém, que sobre as probabilidades de êxito de tal empreendimento e sobre o futuro que é licito prever-lhe, nos pudesse dar uma opinião, fundada em conhecimentos técnicos e não sómente inspirada na simpatia que a todos os portugueses ele deve merecer.

Foi ao ilustre official da nossa Marinha, o Sr. Comandante Henrique Correia da Silva, que no 2.º Congresso Colonial relatou brilhantemente a tese sobre «Navegação Mercante Nacional», que nós resolvemos pedir tal opinião.

A' simples exposição do nosso desejo, dispoz-se S. Ex.ª a elucidar-nos com uma prontidão em que nos pareceu vêr, além da extrema amabilidade com que o distinto official acolhe quantos dêle se acercam, um grande fundo de entusiasmo por um empreendimento de portugueses, que vem realisar uma velha aspiração nacional.

—O que penso sobre a Companhia Transatlântica Portuguesa?

Evidentemente sou coerente com a opinião que defendi na tese apresentada ao ultimo Congresso Colonial e que vi não só unanimemente aprovada, mas aplaudida pelos congressistas, entre os quais figuravam muitos dos portugueses mais entendidos nos nossos assuntos económicos.

Vejo que a Companhia Transatlântica pensa iniciar as suas carreiras com as viagens para o Norte e para o Sul do Brasil; de futuro estabelecerá naturalmente linhas servindo as nossas colonias. Ora o Congresso Colonial formulou exactamente o voto de que essas linhas se estabelecessem, não só assentando na necessidade da ligação da metrópole com todas as colónias, mas tambem, muito embora pudesse haver criticas dizendo sair o Congresso do campo dos assuntos coloniais, votando por unanimidade e aplaudindo calorosamente que se estabelecessem as linhas portuguezas para o Norte e Sul do Brasil.

—E sobre as probabilidades de êxito desse empreendimento, mais especialmente das linhas que primeiro serão tentadas, as do Brasil, o que entende V. Ex.ª?

—Entendo que basta reflectir no número que é attribuido á população portugueza no Brasil, para ninguem poder taxar de fantasista a confiança nesse empreendimento. Andam nos jornais números que representam os valores em dinheiro da média de transportes entre Portugal e Brasil. Mas para mim a exposição desses numeros não era precisa. Basta o simples raciocínio de que tres quartas partes da nossa população estão no continente portugês e, *grosso modo*, uma quarta parte vive nas terras do Brasil, para ser evidente a indicação da *ligação portugueza* entre esses dois blocos da nação. Não é verdade que salta aos olhos?

Mas há mais, a experiencia já foi feita, e nunca se devem desprezar as lições da experiencia, pelo contrário, devem ir sempre investigar-se, mas analisando-as cuidadosamente para não tirar delias qualquer engano como sendo a verdadeira dedução.

Refiro-me á experiencia feita pela Mala Real Portuguesa e que, pelo facto de a empresa da Mala Real ter sido, *em globo* um desastre, pôde ser considerada, por quem não conhece bem o assunto, como um dos factores desse desastre. Ora deu-se exactamente o contrário. A Mala Real era uma empresa falida quando, sob o pulso enérgico e a intelligencia prudente do saudoso commandante Nunes da Silva, nomeado pelo Tribunal Administrador da massa falida, empreendeu as carreiras regulares para o Brasil. Compreende-se bem quanto essa situação prejudicava a experiencia! Não eram só os encargos enormes do passivo da companhia a prejudicarem-a; era a falta de material, em parte arretado, era a falta de credito por toda a parte; era a indispensavel correcção de todos os defeitos de uma administração perdulária. A Mala Real foi tentar a carreira de Brasil exactamente para sair do abismo onde havia caído. Lutou tenazmente, mas a adversidade teve uma força imensa. O «Loanda», tendo perdido a helice ao largo da costa do Brasil, foi encontrado por um vapor estrangeiro e rebocado para um porto do Norte do Brasil onde ficou arretado. O «Alvares Cabral», antigo «Moçambique», foi detido em Marselha. O «Tungue», não sei onde...

Os poucos vapores que restavam andavam apinhados de passageiros e com carga bastante, fazendo entrar nos cofres da companhia rios e rios de dinheiro. Mas o sorvedouro era medonho e não houve tenacidade que pudesse vencer a situação criada e que a adversidade por essa forma agravava.

O exemplo da tentativa da «Mala Real», longe de ser desanimador, é, pois, ao contrario, razão de estímulo, pois a carreira do Brasil, embora não tivesse podido salvar a empresa condenada, deu-lhe tanto dinheiro que, se a adversidade não tem agravado, como fez, essa situação, era quasi certo que a salvava.

—Está então V. Ex.ª convencido de que á Companhia Transatlântica se pode augurar um futuro próspero?

—Estou disso plenamente convencido e nesse sentido faço os mais sinceros votos.

Mas os meus votos vão mais longe, e agora fala o amigo das colónias e colaborador da «Gazeta». O meu desejo é que a Companhia se faça uma grande empresa, com uma numerosa frota, e que os seus barcos mostrem a bandeira portugueza, não só na America do Sul, mas em outros mares onde ela não é vista.

O Brasil fal-a-há facilmente rica. Essa vitória deve ser principalmente questão de competencia técnica e de boa administração. E com a grande fortuna dessa carreira inicial, tenho esperanza de que a Companhia Transatlântica mostrará dentro de poucos anos a sua bandeira pelos nossos portos não servidos ainda pela navegação portugueza e irá até ao Extremo-Oriente, dando, por intermédio do novo porto de Macau, uma grande expansão ao commercio portugês.

Agencia Fox

DETECTIVES

Única no genero
em Portugal. Organi-
sada pelo sistema
das congéneres
na America do Norte



AGENCIA



R.S. PAULO 55.3º
LISBOA
(PORTUGAL)

Investigações comer-
ciaes, part culares
e vig lancias. Absoluta
seriedade e máximo
sigilo. Melhores
referencias comerciaes
e bancárias

Dirigida por um ex-oficial
superior da Policia de Lisboa



Brancheis:

R. Corre y Ombros
Tributo do Paço
Estação de Passaio



Telefone C. 1552

RUA DE S. PAULO, 55

MAQUINAS

DE

Trabalhar Madeira

DA CASA

FAY & EGAN

A Fabrica mais antiga do mundo
no género

MAQUINAS

PARA

Fiação, Tecidos, Malhas, Estam-
bres, Tecidos de toda a especie
de Fibras, Tinturaria, Bran-
queação, etc.

da casa "FARRAR"

MOTOCYCLETES

"DOUGLAS"

A motorcycle escolhida para os
árduos serviços da guerra, por
todos os exércitos aliados.

Forças: 2 3/4 H. P., 2 3/4 H. P.
especial e 600 cjc (5 H. P. aprox.)

MAQUINAS CERAMICAS

O. NUSSBAUMER

Material de manutenção
Fornos e Secadores de Tunel

Maquinas coloniais

Para tratamento do Cacau, Café,
Coconote, Assucar, Algodão, etc.,
dos melhores fabricantes das
diferentes especialidades

CASTROL

O MELHOR OLEO DO MUNDO

Para Automóveis e Aeroplanos

Pedidos ao representante e depositário

A. A. FELIX DA COSTA

Avenida da Liberdade, 87-H., 87-I. --- LISBOA

EXECUTAM-SE PROJECTOS, ESTUDOS E ORÇAMENTOS GRATIS

Telegramas — XILEF. Lx. — Codigo A. B. C. 5th. Edition.

COMPANHIA DO AMBOIM

Séde — Rua dos Correeiros, 70

LISBOA

Representação em Angola, Loanda, Benguela
e Porto Amboim

Explorações Agricolas no Amboim, Hanha
do Norte (Lobito) e Bailundo

Concessionaria do Caminho de Ferro do Amboim

COMPANHIA DO CAMINHO DE FERRO

DE

BENGUELA

Capital Acções Esc. (ouro) 13.500.000\$00

Capital Obrig. Esc. (ouro) 11.250.000\$00

Séde em Lisboa — Largo do Quintela, 11

Comité em Londres — Friars House New Broad Street-E. C.

Linha ferrea construida em exploração: Desde o Lobito a Silva Porto-Kil 630

Estudos realizados desde Belmonte a Quimbande: Kilometro 783

Extensão total da linha ferrea do Lobito até á Fronteira: Kilometro 1290

Distancia do Lobito á região mineira da Katanga: Kilometro 1800

Santos Machado & C.^a, L.^{da}

Comissões e Consignações

Importadores e Exportadores para Africa e Brazil. Representantes dos principais centros
fabris, nacionais e estrangeiros

Rua do Bomjardim, 345—PORTO—(PORTUGAL)

Endereço telegrafico: SAMALI — Telefone, 2482

Agências em: CABO VERDE -- Praia, S. Vicente e Ilha do Fogo. -- GUINÉ -- Bissau e
Bolama. -- S. THOMÉ E PRINCIPE -- S. Thomé. -- ANGOLA -- Loanda, Ambriz, Malange, Benguella, Mos-
samedes e Sá da Bandeira (Lubango). -- AFRICA ORIENTAL -- LOURENÇO MARQUES -- Manjacaze.

Aceitam agentes onde não os tiverem.

PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.
b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 | Administração e serviço
| C. 2992 | de transportes
| C. 1588 | Oficinas, docas e obras

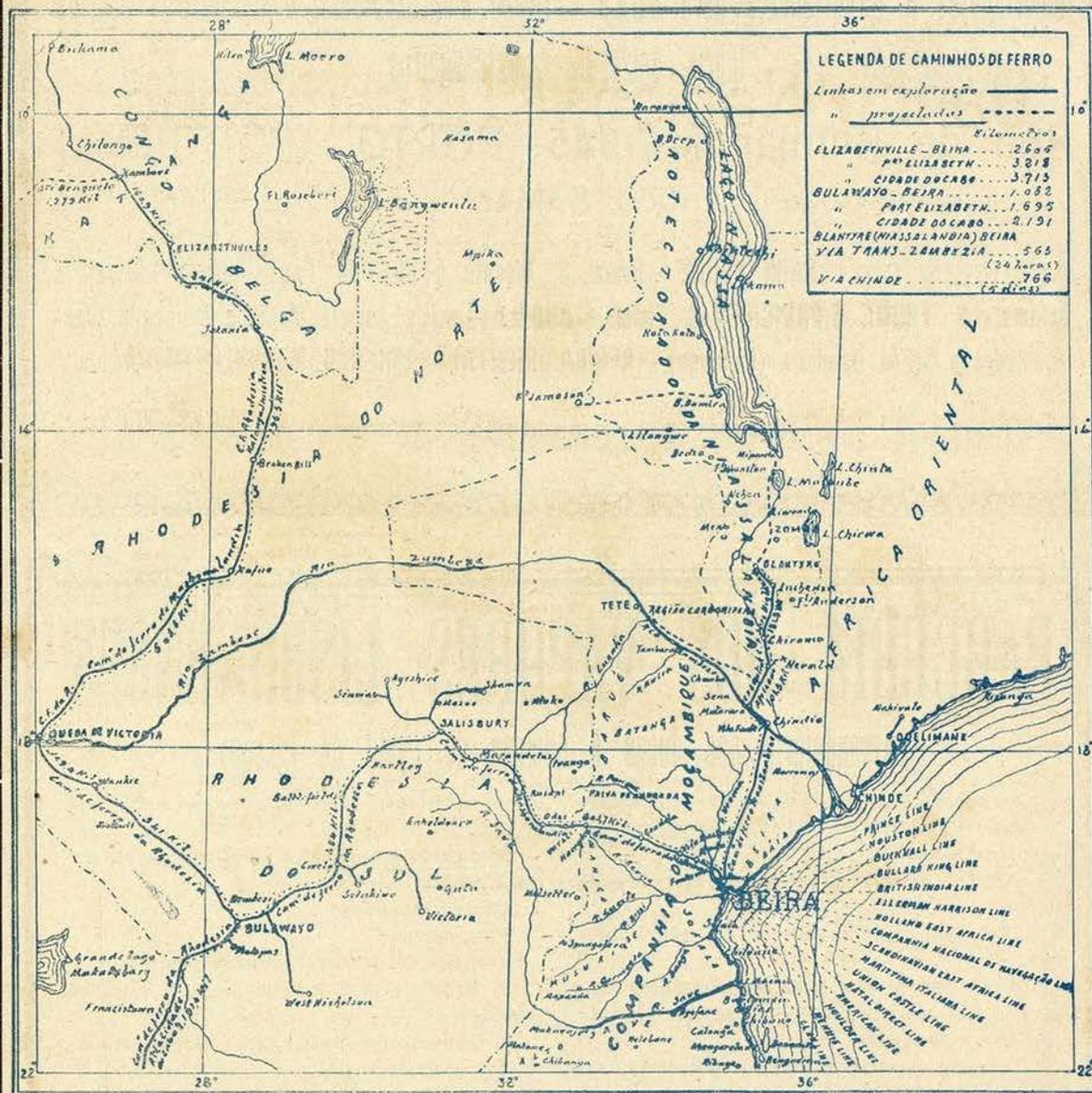
Endereço telegrafico:

“DRYDOCKS,”

Companhia de Moçambique

Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde — LISBOA — Rua do Comercio
Agencia — LISBOA — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000:00\$000

Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00

Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Vizeu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshass (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E.—Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

**Certifiquem-se de que
compram o verdadeiro**

"SAL DE **ENO** ENO'S
FRUCTA" "FRUIT SALT"
MARCA DE FABRICA

Não se exponham a adoecer. - Só com o uso do verdadeiro "Salde Fructa" ENO conseguirão os benefícios que grangearam a esta bebida salutar e laxativa a fama de que goza ha mais de cincoenta annos. Sem rival nos casos de prisão de ventre, indigestão, perturbações do estomago, dôres de cabeça.

Actualmente à venda em
frascos de dois tamanhos.

A Venda em todas as boas pharmacias

Depositarios:

ROBINSON, BARDSLEY & Co. Ltd.
8, Caes do Sodré,
Lisboa.



As palavras ENO, Sal de Fructa e "Fruit Salt" e o letreiro que figura no involuço dos frascos são as marcas de commercio registadas dos Senhores J. C. Eno Limited.

MOSAICOS CERAMICOS

DA
FABRICA DE LOICA DE SACAEM

Para revestir pavimentos de Salas, Casas de banho, Cozinhas, Terracos, Halls, etc., etc., em substituição dos vulgares ladrilhos hydraulicos, cortices, etc., incontestavelmente de maior duração, maior resistencia e de maior efeito. Fabricação garantida, rivalizando com o artigo congenere estrangeiro

Padrões e preços no depósito da Fabrica **Rua da Prata, 130 - LISBOA** TELEPHONE C. 316

Seromenho, Silveira & Carvalho, L.^{DA}

Codes: A. B. C. 5.eme Editlon et BENTLEY'S

Especialidade em conservas de peixe

Fabricas nos melhores sitios de pesca

Fabricações esmeradas

Calçada de S. Francisco, 23, 2.º

LISBONNE

Especialité en conserves de poissons

Usines sur les lieux de pesche

Qualité choisée

Telegramas: SoSICAR-LISBONNE

Specility preserved fish

Factories on the best fishing spot

Highest quality

Companhia Nacional
DE
PRODUTOS COLONIAIS, L.^{DA}
Rua dos Fanqueiros, 15 - LISBOA
Transações sobre cacau,
café, cera, coconote e couros

ARMAZENS DA MODA

Lanifícios e secção de Alfaiataria para
Senhoras e para homens

R. DOS FANQUEIROS-180 a 188

Loja e 1º Andar

LISBOA

INSTITUTO DENTARIO

Simões Bayão

R. DE S. PAULO, 19, 1.º

Telefone-C. 3048

LISBOA

SANTOS, OLIVEIRA & C.^A

Comerciantes e Agricultores

Comissões e Consignações

LOANDA E MALANGE

CONCESSIONARIO EXCLUSIVO

PARA A

Africa Occidental Portugueza



COMERCIO DE ANGOLA, L.^{DA}

REPRESENTANTES DA

COMPANHIA DO ASSUCAR DE ANGOLA

Benguela - Lobito - Loanda

«AUXILIAR A «GAZETA DAS COLÓNIAS»
PELA ASSINATURA, PELO ANÚNCIO E POR
TODA A FORMA DE PROPAGANDA, É FACI-
LITAR-LHE A REALIZAÇÃO DA OBRA NA-
CIONAL QUE SE PROPOZ LEVAR A CABO»

MANTUA, Ltd.



29 a 37
Calçada de S. Francisco
LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA
DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 44, 1.º
LISBOA

A VELOCIDADE
NUNCA FALTARA' AO

CARRO

QUE



EMPREGAR

Auto-Gazo

A MELHOR

GAZOLINA

VACUUM OIL COMPANY